DIÁRIO de um Banana

CAINDO NA ESTRADA



Jeff Kinney

V&R



LEIA TAMBÉM

Diário de um Banana

Diário de um Banana: Rodrick é o cara

Diário de um Banana: A gota d'água

Diário de um Banana: Dias de cão

Diário de um Banana: A verdade nua e crua

Diário de um Banana: Casa dos horrores

Diário de um Banana: Segurando vela

Diário de um Banana: Maré de azar

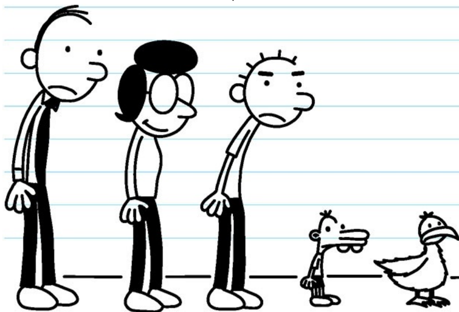
Diário de um Banana: Faça você mesmo

Diário de um Banana: O livro do filme

EM BREVE

Mais livros da série *Diário de um Banana*.

Não perca!



DIÁRIO de um Banana

CAINDO NA ESTRADA

Por Jeff Kinney



Tradução:
Alexandre Boide





Criação e design: Jeff Kinney
Capa: Chad W. Beckerman e Jeff Kinney
Edição: Fabrício Valério e Thaíse Costa Macêdo
Revisão: Raquel Nakasone
Diagramação: Pamella Destefi

Publicado originalmente em inglês em 2014 por Harry N. Abrams, Incorporated, New York.
Título original em inglês: *Diary of a Wimpy Kid: The Long Haul*

vreditoras.com.br

Rua Cel. Lisboa, 989 — CEP 04020-041 — Vila Mariana — São Paulo — SP
Tel./Fax: (55 11) 4612-2866 • editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-826-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kinney, Jeff
Diário de um banana [livro eletrônico] : caindo na estrada / por Jeff Kinney ; [tradução Alexandre Boide]. -- Cotia, SP : Vergara & Riba Editoras, 2015. -- (Diário de um Banana)
5 Mb ; ePUB

Título original: Diary of a wimpy kid : the third well.
ISBN 978-85-7683-826-5

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

15-01565 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

PARA PRANAV

JUNHO

Sexta-feira

Se tem uma coisa que aprendi sendo criança é que você não tem NENHUM controle sobre sua vida.

Desde que acabaram as aulas, eu não precisava FAZER mais nada nem IR a lugar nenhum. Enquanto o ar-condicionado estivesse funcionando e o controle da TV tivesse pilha, estava tudo certo para umas ótimas férias de verão.

Mas então, do nada, aconteceu ISTO:



Não é a PRIMEIRA vez que a mamãe inventa uma viagem sem avisar ninguém com antecedência. Ano passado, no primeiro dia de verão, ela falou que a gente ia passar uns dias no interior, para fazer uma visita à tia Loretta no asilo.

Pra mim, não era exatamente uma boa maneira de começar as férias. Uma vez, quando visitamos a tia Loretta, a colega de quarto dela me agarrou e só me largou quando uma funcionária apareceu com um bolinho de chocolate.



Mas a história de ir ao asilo era mentira da mamãe. No café da manhã do dia seguinte, ela contou aonde a gente ia DE VERDADE.

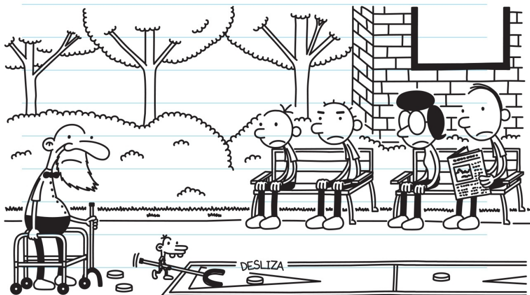


Eu e meu irmão Rodrick ficamos contentes, porque estávamos morrendo de medo de passar a primeira semana de férias tendo como única distração aqueles jogos sem graça de asilo.

Mas, quando o meu irmãozinho Manny ficou sabendo da mudança de planos, ele simplesmente SURTOU. A mamãe tinha falado tanto da visita à tia Loretta, que ele acabou ficando EMPOLGADO com a ideia.



Acabamos ADIANDO a viagem para a Disney para fazer uma visita à tia Loretta. Depois DESSA, pensamos que a mamãe tinha aprendido a lição sobre viagens-surpresa.



Sei EXATAMENTE de onde veio essa ideia de fazer uma viagem de carro, porque a última edição da revista "Alegria em Família" chegou hoje.

Se fosse para arriscar um número, eu diria que 90% do que a mamãe inventa de "programas em família" vem dessa revista. E, quando vi a nova edição, sabia que ela ia gostar.



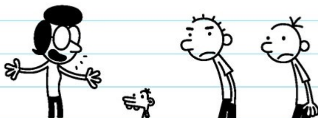
Folheei a "Alegria em Família" algumas vezes, e sou obrigado a dizer que naquelas fotos as pessoas parecem mesmo estar se divertindo um bocado.



Bom, deve ter alguma coisa errada com a NOSSA família, porque as coisas nunca acontecem como nas fotos da revista.



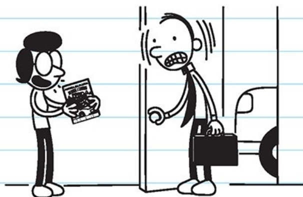
Mas acho que nem assim a mamãe vai desistir. Ela falou que a nossa viagem vai ser incrível, e que passar um tempo juntos dentro do carro será uma experiência interessante de "união" para a família.



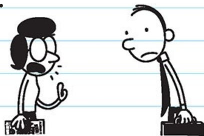
Tentei argumentar pedindo uma coisa um pouco mais NORMAL, como um dia no parque aquático, mas a mamãe nem quis saber.

Ela falou que o objetivo da viagem era fazer algo que nunca fizemos antes, para termos uma experiência "autêntica".

Pensei que a mamãe tivesse conversado com o papai sobre a ideia da viagem de carro, mas pelo jeito estava enganado. Quando chegou em casa do trabalho, ele pareceu tão surpreso quanto a gente.



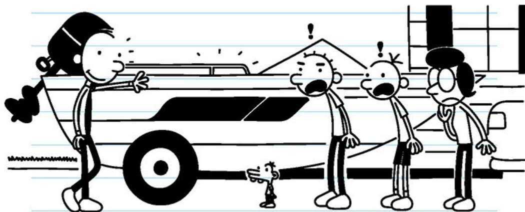
O papai falou que não era uma boa época para se afastar do trabalho, e que só usaria suas folgas se fosse ABSOLUTAMENTE necessário. Mas a mamãe insistiu, dizendo que nada é mais importante do que a família.



Aí o papai falou para a mamãe que estava com vontade de pôr o BARCO na água no fim de semana e, se a gente fosse viajar, ele teria que cancelar os planos.

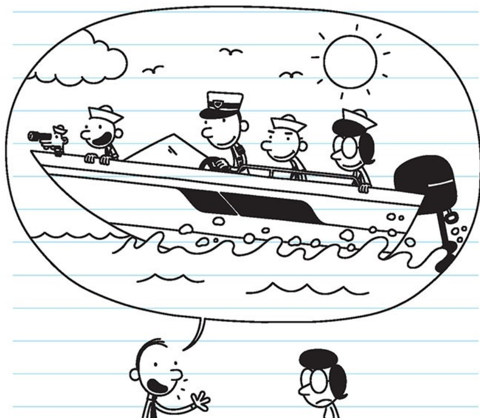
A mamãe e o papai em geral se dão muito bem, mas, se existe uma coisa que sempre causa brigas entre os dois, é esse assunto do barco dele.

Um tempo atrás, a mamãe pediu para o papai comprar leite. No caminho, ele viu um barco à venda no jardim de uma casa. E assim, do nada, apareceu um barco na frente da nossa garagem.



A mamãe ficou irada por não ter sido consultada, já que ter um barco dá muito trabalho.

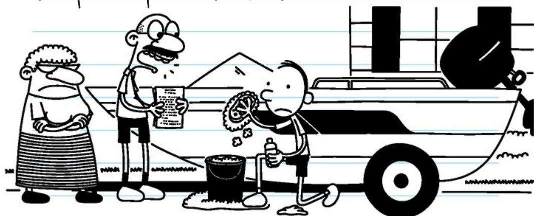
Mas aí o papai falou que sempre sonhou em ter um barco e que assim a gente podia passar todos os fins de semana em família, brincando na água.



Foi com essa conversa que ele conseguiu FICAR com o barco, e pareceu bem contente com isso. Mas as coisas definharam depressa.

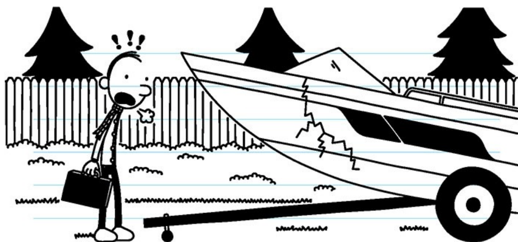
Alguns dias depois, um pessoal da Associação de Moradores do bairro bateu na nossa porta.

Disseram que havia regras no nosso bairro proibindo as pessoas de estacionarem barcos na frente das casas, e falaram pro papai que ele teria que levar o dele para o quintal dos fundos.

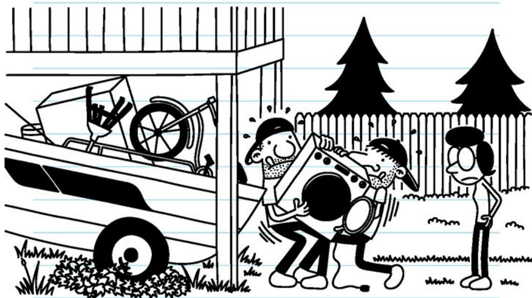


O barco ficou parado no quintal o verão inteiro, porque o papai estava sempre ocupado e não tinha tempo de usá-lo. Quando o outono chegou, um dos colegas do papai falou que ele precisava DESMONTAR e COBRIR o barco no inverno, porque o tempo frio podia danificá-lo.

O papai descobriu que contratar alguém pra fazer isso custava MAIS CARO que o próprio barco, então decidiu arriscar. Duas semanas depois, quando a temperatura caiu abaixo de zero, apareceu uma rachadura enorme no casco (como era de se esperar).



Quando começou a nevar, o papai empurrou o barco para baixo da cobertura do quintal e o deixou lá o inverno inteiro. Na primavera, a mamãe começou a usar o barco para guardar todo tipo de tranqueira.



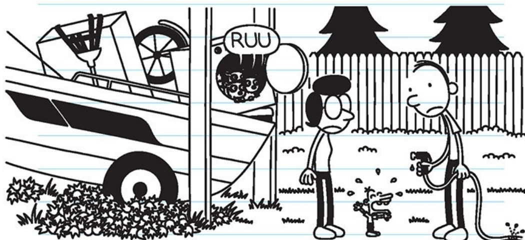
No verão seguinte, o papai decidiu que ia consertar o barco.

Mas, quando foi tirar o barco de baixo da cobertura, descobriu uma família de guaxinins vivendo dentro da velha máquina de lavar.



O papai ia contratar um serviço para dar um jeito nos guaxinins. Mas, quando descobriu quanto isso ia CUSTAR, decidiu pôr a mão na massa.

Só que aí o Manny ficou sabendo que havia filhotes de guaxinim morando na máquina, e a mamãe teve que intervir.



O barco está parado lá desde então. Não ouço nenhum arranha-arranha debaixo da cobertura faz tempo, então eu acho que os guaxinins já se mandaram.

Hoje, a mamãe disse pro papai que ele tinha o resto do verão para pôr o barco na água, e isso encerrou a discussão.

A mamãe falou que a gente ia sair de manhã bem cedo, e que era preciso começar a fazer as malas. Ela pediu pra todo mundo levar só o "básico do básico", para caber tudo na minivan.

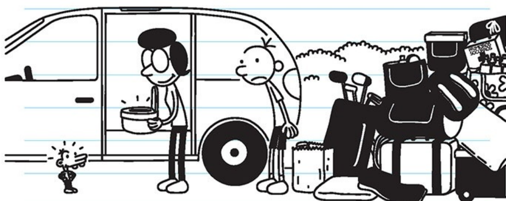
Só que, quando pusemos todas as coisas na entrada da garagem, ficou bem claro que ia faltar espaço.



A mamãe resolveu separar tudo e rearranjar em duas pilhas: a de coisas necessárias e a de coisas desnecessárias. Rodrick ficou decepcionado porque algumas das coisas "básicas" dele acabaram ficando de fora.



A mamãe me fez deixar um monte de coisas, o que me pareceu bem ridículo, considerando que até o peniquinho do Manny seria levado na viagem.



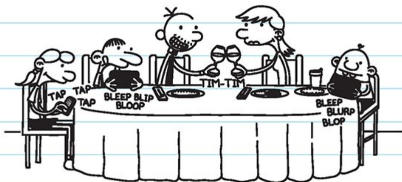
Em qualquer trajeto de carro que demore mais de 15 minutos, a mamãe leva o peniquinho do Manny, só "por precaução". Mas a verdade é que eu fico bem desconfortável quando ele usa aquela coisa.



A mamãe não deixou Rodrick e eu levarmos nenhum aparelho eletrônico na viagem, apesar de eles quase não ocuparem espaço.

Ela vive dizendo que as crianças de hoje em dia não sabem socializar, porque estão sempre com o nariz enfiado em alguma tela.

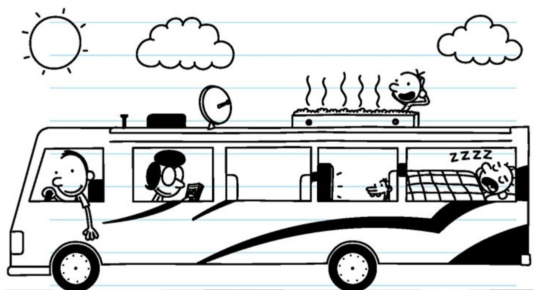
Só digo uma coisa: quando eu tiver filhos, vou deixar que eles mexam nos aparelhos deles o tempo que QUISEREM. Na minha opinião, dispositivos eletrônicos são o segredo de uma família feliz.



Mesmo depois de a mamãe repassar todos os itens empilhados na frente da garagem e cortar tudo o que era supérfluo, AINDA ASSIM tinha coisa demais.

Sugeri alugar um daqueles trailers enormes, porque assim poderíamos guardar tudo e ainda ter espaço de sobra.

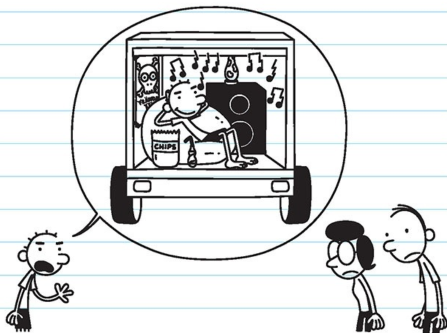
Na minha opinião, se uma família quiser se dar bem, todo mundo precisa ter seu espaço. E, em um trailer moderno e bacana, a gente poderia passar SEMANAS na estrada sem ninguém incomodar ninguém.



Mas a mamãe falou que um trailer desses custa caro demais e gasta muito combustível, então a ideia morreu aí.

Rodrick sugeriu que talvez fosse uma boa alugar um daqueles trailers menores, de engatar ATRÁS do carro, o que me pareceu uma ótima ideia.

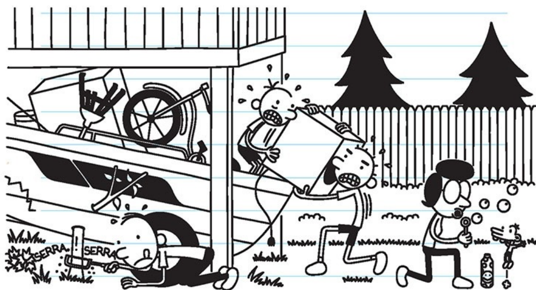
Mas logo ficou claro que o Rodrick estava imaginando o trailer como uma espécie de miniapartamento DELE, o que não tinha a menor chance de acontecer.



Foi quando o papai teve a SUA ideia. Ele falou que a gente podia resolver o problema da falta de espaço colocando as coisas que não coubessem no carro dentro do BARCO, que depois seria engatado na minivan.

Acho que a mamãe percebeu que não ia ter outro jeito, então acabou cedendo. Mas levar o barco até a entrada da garagem foi muito mais difícil do que parecia.

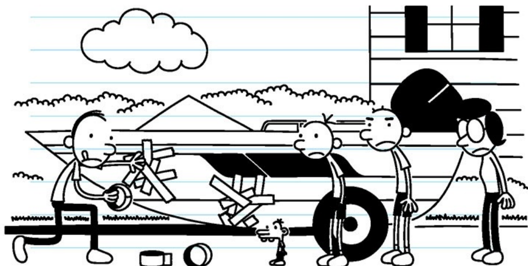
Além de precisarmos tirar todas as porcarias jogadas lá dentro, descobrimos que tinha uma ÁRVORE crescendo embaixo do casco. Demorou umas três horas para tirarmos o barco de baixo da cobertura, e sou obrigado a dizer que a mamãe não ajudou muito.



Quando enfim conseguimos levar o barco até o carro, o papai remendou o buraco e a rachadura no casco com fita adesiva.

Só espero que a gente não passe nem perto de algum lugar navegável.

Porque, até onde sei, o barco não tinha coletes salva-vidas.



Sábado

Mesmo com o espaço extra do barco, o carro ficou bem cheio. Encaixei meu travesseiro no último segundo. Achei que tinha o direito de pelo menos UM item de conforto.

Pensei que o Rodrick fosse querer sentar no banco do fundo, já que, quando saímos em família, ele sempre deita e tira um cochilo.

Às vezes até esquecemos que o Rodrick está lá.

Na Páscoa, minha mãe só notou que o Rodrick ficou no carro um tempão depois que já estávamos na igreja.

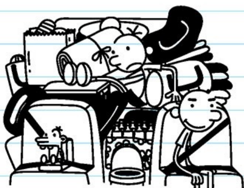


Quando a gente tinha um carro menor, Rodrick e eu sentávamos lá atrás JUNTOS, em um banco virado para a janela traseira. Mas arrumamos uma encrenca séria ao fazer uma brincadeira com o papai e a mamãe, e fomos parados pela polícia.



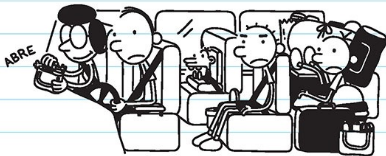
Hoje, quando entramos na minivan, o Rodrick me ofereceu o banco de trás.

Aceitei antes que ele mudasse de ideia, mas deveria ter desconfiado de tamanha generosidade.

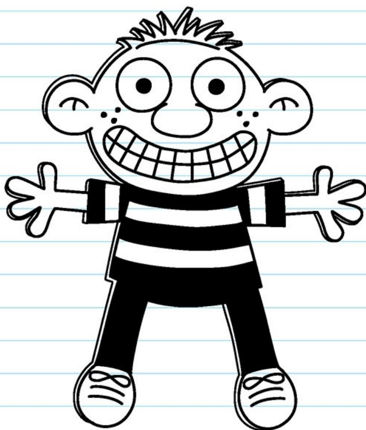


Antes de sairmos da garagem, a mamãe avisou que havia um "convidado especial" para a viagem. Por um momento, tive medo de que MAIS ALGUÉM fosse entrar no carro, porque àquela altura só tinha lugar no TETO.

Mas aí a mamãe abriu a bolsa e tirou de dentro um pedaço de papel desenhado.



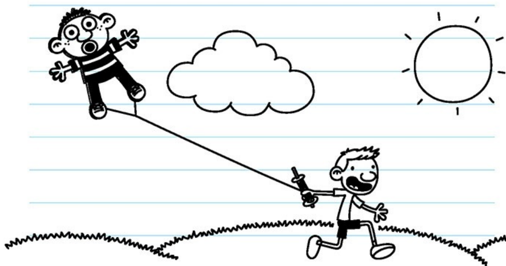
No fim, era um desenho do José Fino,
um personagem de um livro que li no segundo ano.



José Fino é um menino que foi esmagado por um quadro de avisos que caiu da parede do quarto enquanto ele dormia.

Quando tiraram o quadro de cima dele, José estava fino como uma folha de papel.

Eu achava muito legal que o José Fino pudesse ser dobrado e enviado pelo correio para a vovó dele, ou ser empinado pelo irmão e voar como uma pipa.



Mas vou dizer uma coisa: se o José Fino tivesse um irmão como o RODRICK, ele não duraria nem mesmo um dia.



Gostei muito do livro, mas ele me assustou um bocado também. Por exemplo, peguei um medo danado de quadros de avisos.



No segundo ano, todo mundo teve que pintar um desenho do José Fino e mandar para um amigo ou parente que morasse longe.

Essa pessoa deveria tirar uma foto do José Fino em um lugar interessante e mandá-lo de volta pelo correio junto com a imagem.

Meu amigo Rowley mandou o José Fino dele para vários parentes e recebeu um monte de fotos legais. Rowley enviou o desenho até para um tio que mora na Ásia, que tirou uma foto do José Fino na Grande Muralha da China.



Bom, a primeira pessoa para quem a mamãe mandou o MEU José Fino foi para sua prima Stacey. Mas, provavelmente, ela não era a melhor escolha.

Stacey é do tipo que gosta de juntar um monte de coisas, por isso minha mãe já devia ter adivinhado que, quando a prima dela pusesse as mãos no José Fino, ele nunca mais iria voltar.



Hoje a mamãe falou que ia tirar fotos do nosso novo José Fino na frente de todos os lugares legais que visitássemos, para fazer um álbum da nossa viagem. Assim que pegamos a estrada, ela começou a tirar fotos. Mas deu uma exagerada, porque as primeiras imagens não tinham nada de especial.



Quando a mamãe não estava tirando fotos, o José ficava colado na saída do ar-condicionado. Só o que sei é que ele estava muito melhor do que eu. As janelas de trás da minivan não abrem, e as saídas de ar estavam bloqueadas pela bagagem, por isso não vinha NADA de ar frio em mim.

E, pra piorar AINDA mais, a mamãe estava no comando da viagem. Ela sempre tenta tornar tudo educativo, e eu sabia que ela acabaria transformando essa experiência em uma aula sem fim.

Ela faz isso desde que eu era pequeno. Lembro que, quando o gato da vovó me arranhou, a mamãe tentou transformar esse acontecimento em um "momento de aprendizado".



Como era de se esperar, depois de meia hora de viagem, a mamãe começou com aquelas ideias educativas.

Ela pegou alguns CDs que ensinam espanhol e disse que podíamos usar o tempo na estrada para aprendermos uma nova língua, em família.



A mamãe sempre diz que aprender uma língua estrangeira é a melhor coisa para o cérebro. Pode até ser verdade, mas acho que ela devia deixar a parte de ENSINAR para a escola.

A mamãe decidiu que seria uma boa ideia me apresentar uma língua estrangeira desde cedo. Quando eu estava no primeiro ano, ela ligava a TV nos canais hispânicos durante o café da manhã.

Minha mãe repetia tudo o que diziam na televisão, mas, quando ELA falava, as palavras saíam um pouco diferentes.



Acabei aprendendo errado um monte de expressões. Por exemplo, o jeito CERTO de dizer "Qual é o seu nome" em espanhol é "Cómo te llamas". Bom, eu sei disso AGORA, porque aprendi na aula de espanhol do colégio.

Mas, quando eu era pequeno, minha mãe me falou que "Qual é o seu nome" em espanhol é "Como lhamas", o que NA VERDADE não serve se você quer saber o nome de alguém. Nem acredito na quantidade de vezes que disse isso sem saber.



Hoje a mamãe pôs no som do carro os primeiros dois CDs da coleção, mas ficou frustrada porque ninguém prestou muita atenção. Então, ela mudou de estratégia e falou que a gente ia fazer uma brincadeira que tinha aprendido na revista.

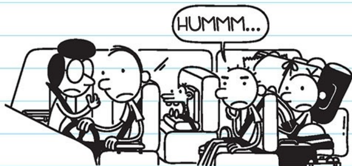


O nome da brincadeira era Alfabeto Comestível e funcionava assim: o primeiro jogador tem que falar o nome de uma fruta, uma verdura ou um legume com a letra "A". A segunda pessoa tem que dizer a mesma coisa, só que com a letra "B", e assim por diante.

Quem NÃO lembrasse de uma coisa comestível com aquela letra, estava fora da brincadeira.

A mamãe me escolheu para começar, e eu falei "abóbora", uma escolha bem óbvia. Rodrick era o próximo, mas não conseguiu lembrar nada comestível com a letra "B".

Acho que ele estava se fazendo de bobo porque não queria brincar, mas, com o Rodrick, nunca se sabe.



Quando Rodrick foi eliminado, chegou a vez do Manny, que falou imediatamente.



A mamãe começou a bater palmas, mas fui obrigado a dizer que "babobra" não é uma palavra de verdade. Ela respondeu que o Manny estava aprendendo o alfabeto, e que a gente devia "incentivar" ele.

Eu saí da brincadeira em protesto, e então só sobraram o Manny, a mamãe e o papai. Pena que meus protetores de ouvido estavam enfiados na minha mochila no meio de um monte de malas, porque a hora seguinte foi um horror.



Toda aquela conversa sobre comida me deixou com fome e, quando vi a placa de uma lanchonete na estrada, pedi pra mamãe para darmos um pulo lá. Só que ela falou que a gente não ia comer NAQUELE tipo de lugar, porque eles não fazem "comida de verdade".

Ela explicou que essas redes de fast-food atraem as crianças com brinquedinhos fuleiros para obrigá-las a comer coisas cheias de açúcar e gordura. A mamãe falou que tinha uma alternativa MUITO melhor e me entregou um saquinho com meu nome escrito.

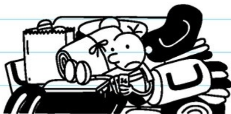


Ela falou que tinha tirado a ideia do Lanche da Mamãe da revista "Alegria em Família", o que para mim não foi nenhuma surpresa.

Dentro do saco tinha um sanduíche de atum, uma laranja e uma caixinha de leite, além de um negócio embrulhado em papel-alumínio.

A mamãe falou pra eu comer a fruta antes de abrir o embrulho, porque aquele era o meu "prêmio".

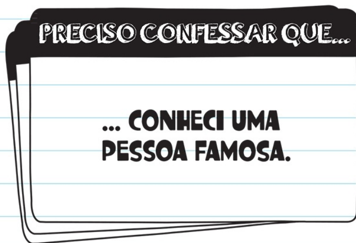
Mas eu devia ter aberto logo de cara, daí não precisaria ter chupado uma laranja inteira só para ganhar um baralho de cartas com operações matemáticas.



Rodrick TAMBÉM ganhou um baralho desses, e logo entendemos aonde aquilo ia parar. Por isso, antes que a mamãe transformasse nossa próxima hora em uma aula, peguei um dos jogos que ela tinha guardado em uma sacola de pano dentro do carro.

O que peguei se chamava "Preciso confessar" e, quando a mamãe o viu, ficou tão empolgada que se esqueceu do baralho matemático.

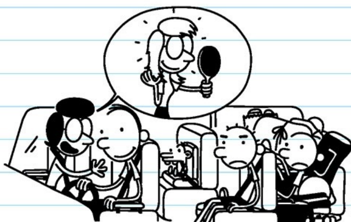
Li as instruções, e a coisa era bem simples: uma pessoa tirava uma carta da pilha e a lia em voz alta para todos.



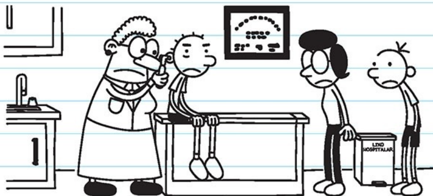
Se algum dos jogadores já tiver feito o que está escrito na carta, ganha um ponto. E o primeiro a marcar dez pontos vence o jogo.

Fiquei meio desconfiado no início, mas devo admitir que esse jogo até que é DIVERTIDO. Descobri um monte de coisas sobre a mamãe e o papai que nem imaginava.

Fiquei sabendo que o papai tinha um camaleão de estimação quando era criança, e que a mamãe tingiu o cabelo de loiro uma vez, o que foi uma surpresa.



Acredite se quiser, mas até o RODRICK entrou na brincadeira. Ele ganhou um ponto por ser o único que passou a noite na fila para conseguir ingressos para um show, e OUTRO porque um inseto já entrou na orelha dele - um fato que lembro como se fosse ontem.



O papai e o Rodrick estavam empatados com nove pontos cada, e quem fizesse o próximo ponto seria o vencedor. A mamãe parecia bem feliz por todo mundo estar participando e se divertindo.

Mas aí ela puxou uma carta da pilha e leu em voz alta:



A mamãe com certeza pensou que ninguém fosse marcar um ponto por isso, porque já estava se preparando para pegar outra carta. Daí o Rodrick começou a gritar como se tivesse ganhado na loteria.



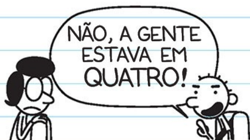
A mamãe pensou que o Rodrick estivesse mentindo só para ganhar, mas ele garantiu que era VERDADE. Contou que, há alguns meses, ele e os colegas de banda encheram a casa da sra. Tuttle de papel higiênico depois que ela chamou a polícia para reclamar do barulho do ensaio deles.



Rodrick achava aquela história muito engraçada, mas a mamãe não ficou nada contente.



Se eu fosse o Rodrick, teria mudado o rumo da conversa rapidinho, dizendo que era só uma tentativa de trapacear no jogo. Mas ele não soube se safar...



A mamãe mandou o papai parar o carro no acostamento, entregou seu celular para o Rodrick e pediu para ele ligar para a sra. Tuttle e se desculpar, o que foi constrangedor.



Depois, ficamos em silêncio por um bom tempo. A mamãe estava prestes a pôr o CD de espanhol novamente, mas por sorte o Manny caiu no sono, e ela desistiu da ideia.

Se o Manny for despertado no meio de uma de suas sonecas, ele fica bem maluco, e é IMPOSSÍVEL acalmar o menino. Por isso, quando o Manny dorme, a mamãe e o papai fazem de TUDO para que ele só acorde quando tiver vontade.

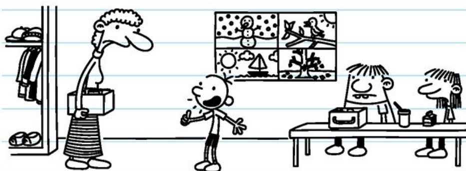


Eu também adorava esses cochilos quando tinha a idade do Manny. Costumava dormir uma hora depois do almoço todos os dias. E, quando comecei no maternal, tinha um horário especialmente pra isso, quando todo mundo pegava um colchonete e dormia no chão.



Na minha opinião, as pessoas deviam ter a hora da soneca em todos os anos, até a faculdade. Acontece que as sonecas acabam depois do maternal, e eu aprendi isso do PIOR jeito possível.

No primeiro dia no jardim de infância, perguntei para a professora onde estavam os colchonetes, pra gente poder deitar e recarregar as baterias.



Mas ela explicou que no jardim de infância os alunos NÃO tinham hora da soneca, e eu pensei que fosse algum tipo de piada.



Minutos depois, a classe toda começou a fazer marionetes com sacos de pão. Pelo jeito, eu era o único que não sabia que a soneca não ia rolar, porque todos pareciam bem, enquanto eu mal conseguia me manter de pé.



Ainda bem que a mamãe lembrou de trazer uma chupeta para a viagem, porque o Manny consegue dormir quase em qualquer lugar desde que esteja com uma dessas na boca. Na noite anterior, ele tinha perdido sua chupeta favorita, mas o papai foi correndo comprar uma nova em uma lojinha perto de casa, que vende artigos de mágica e presentes engraçadinhos.



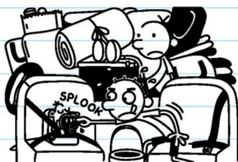
Achei meio esquisita, mas funciona igualzinho às outras.



Manny dormia tranquilamente há uma hora quando paramos no pedágio. O papai baixou a janela para pagar, e a voz do sujeito na cabine pareceu amplificada por um MEGAFONE.



Manny começou a ficar inquieto, e a chupeta quase caiu da boca dele. Por sorte, o Rodrick agiu rápido, e o Manny logo voltou a dormir.



Acho que a mamãe ficou um pouco incomodada porque o Manny dormiu, na verdade. Ela tinha marcado um monte de lugares no mapa que queria parar para conhecer, mas tivemos que passar direto por todos eles.



O problema do cochilo do Manny era que eu precisava muito sair do carro para esticar as pernas, mas NÃO PODIA.

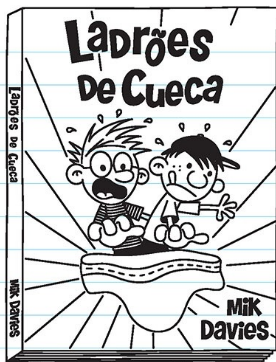
Tentei arrumar uma posição mais confortável, mas, com tanta coisa ao redor, não tinha jeito.



Por sorte, minha mochila estava fácil de alcançar, com meus livros e outras coisas que levei para me distrair.

A mamãe está sempre tentando me fazer ler coisas "enriquecedoras", só que, quando o assunto é leitura, eu sei do que gosto. Desde as primeiras séries do ensino fundamental, meus livros preferidos são os da série Os Ladrões de Cueca.

Os livros dos Ladrões de Cueca são sobre dois meninos chamados Bryce e Brody, que viajam no tempo e roubam as roupas íntimas de grandes figuras da história para colocar em um museu.



Sei que parece ridículo, mas as histórias são bem divertidas.



Esses livros fazem o maior sucesso entre os meninos da minha escola, mas os professores DETESTAM, por causa do "humor grosseiro".

Uma vez, no quinto ano, pediram um trabalho sobre um livro e todos os meninos da minha classe entregaram seus relatórios sobre um título da série Os Ladrões de Cueca. Depois disso, a sra. Terry, nossa professora, passou a odiá-los AINDA MAIS.



Em uma atividade para nota, tínhamos que mandar uma carta para nosso escritor favorito. Obviamente, todos os meninos escolheram Mik Davies.

Mas a sra. Terry falou que era para escolher OUTRO autor, então peguei um livro qualquer na biblioteca e escrevi uma carta para um escritor de quem nunca tinha ouvido falar.

30 de março

Caro Nathaniel,

Minha professora pediu para mandar uma carta pra um escritor, por isso escolhi você. Nunca li nenhum de seus livros (não me leve a mal).

Aqui vão algumas perguntas:

1. Qual é sua cor favorita?

2. Qual é seu animal favorito?

3. Qual é seu sabor de sorvete favorito?

4. Qual é seu filme de super-herói favorito?

Eu agradeceria se sua resposta viesse rápido, porque é uma atividade para nota.

Atenciosamente,

Greg Heffley

Só que eu deveria ter olhado o ano em que o livro foi escrito antes de mandar minha carta.

20 de maio

Caro sr. Heffley,

Lamentamos informar que o autor para quem escreveu, Nathaniel Hawthorne, faleceu há mais de um século.

Sendo assim, ele não pode responder às suas perguntas.

Lamento não poder ajudar,

Katrina Welker
Editora

A maioria dos PAIS também não gostava dos livros dos Ladrões de Cueca.

Na verdade, a Associação de Pais e Mestres fez uma reunião naquele ano e decidiu que o dinheiro dos impostos não deveria ser usado para comprar livros dos Ladrões de Cueca para a biblioteca.

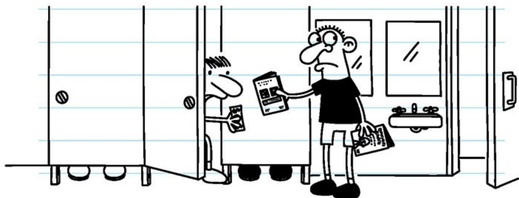


Quando voltamos à escola depois de um feriado, todos os livros dos Ladrões de Cueca tinham DESAPARECIDO.

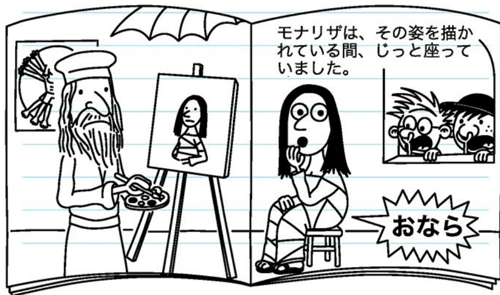


Espero que os adultos estejam satisfeitos por fazer uma geração inteira de meninos crescer sem ter o que ler.

Quando a escola proibiu os livros dos Ladrões de Cueca, eles ficaram mais populares do que NUNCA. Alguns garotos traziam exemplares de casa e emprestavam para os OUTROS.



Um menino trouxe inclusive uma cópia pirata japonesa de um dos livros dos Ladrões de Cueca. Não dava para entender uma palavra, mas, pelas figuras, era fácil sacar o que estava acontecendo.



Cheguei a escrever para o autor, por INICIATIVA PRÓPRIA, para falar que gostava muito da série.

18 de agosto

Caro sr. Davies,

Só estou escrevendo para dizer para você não dar bola para as pessoas que dizem que seus livros são um lixo, porque elas não sabem do que estão falando. Eu conheço um monte de gente (inclusive eu) que acha seus livros muito legais.

Sobre essa história de "humor grosseiro", eu acho tudo muito engraçado, então, por favor, não mude nada. Para falar a verdade, até prefiro que tenha MAIS coisas saindo do corpo das pessoas e trecos do tipo nos próximos livros.

Atenciosamente,

Greg Heffley

Eu nunca tinha escrito nada assim, e todo dia, quando chegava da escola, ia correndo até a caixa de correio para ver se o Mik Davies havia respondido.

A resposta demorou quase um ano e, quando chegou, fiquei empolgadíssimo.

Mas, quando abri a carta, foi uma TREMENDA decepção.



Caro amigo,

Infelizmente, recebo muitas cartas de fãs, e não consegui responder à sua pessoalmente.

Mas gostaria de informar que o novo livro da série, "Os Ladrões de Cueca e as ceroulas de Lincoln", vai estar em breve em uma livraria perto de você!



Com muita nojeira,

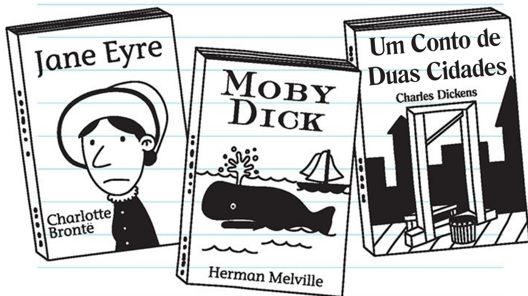
Mik

Não dava pra acreditar que escrevi uma carta cheia de sinceridade e recebi de volta um ANÚNCIO.



Apesar de ter sido uma experiência meio desagradável, ainda gosto dos livros dele.

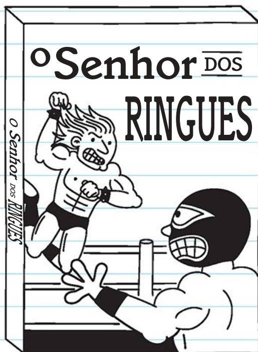
Pelo menos, nessas férias, vou poder ler o que EU QUISER. A escola do Rodrick passou uma lista enorme de leituras obrigatórias, e alguns dos livros parecem ser bem difíceis.



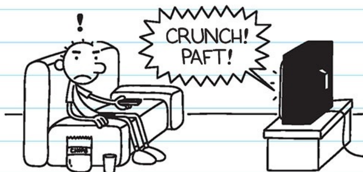
Só que o Rodrick não é muito de ler, e alugou todos os FILMES baseados nos livros da lista.

A mamãe falou que não era uma boa ideia ver o filme sem ler o livro, porque na versão para o cinema mudam muita coisa. Mas o Rodrick respondeu que, se soubesse mais ou menos o que acontecia na história, para ele já estava bom.

Isso não vai dar certo. "O Senhor dos Anéis" também está na lista mas, quando o Rodrick alugou o filme, nem leu o título até o final.



Rodrick viu esse filme DUAS VEZES, e depois comentou com a mamãe que o autor do livro devia ser um gênio. Mas acho que o professor do Rodrick não vai entender nada quando ler o trabalho dele sobre o livro na volta às aulas.



Quando cansei de ler, percebi que precisava mesmo descer do carro, para dar uma esticada nas pernas.

Manny ainda estava dormindo, mas, de algum jeito, conseguiu ficar de cabeça para baixo na cadeirinha.



Quando a mamãe percebeu, disse pro papai que era melhor encerrar a viagem naquele dia, e ele saiu da estrada na cidade seguinte.

Estava louco por uma boa refeição em um restaurante, mas a mamãe falou que o dinheiro estava curto e que era melhor comprar algo no mercado.

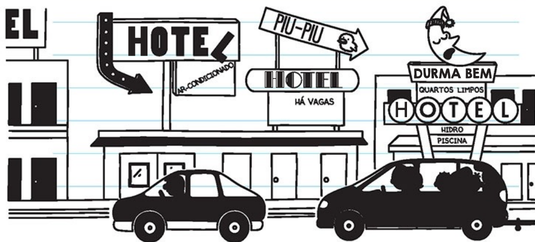
O papai encontrou um supermercado alguns quilômetros depois de sair da estrada, mas a mamãe ficou com medo de que, se o carro parasse, o Manny acordasse e desse um escândalo. Então, o que ela fez foi dar a lista de compras e o dinheiro para o Rodrick, que saltou do carro enquanto o papai passava lentamente pela entrada da loja.



O papai teve que dar a volta no estacionamento umas dez vezes, o que não era lá muito fácil rebocando um barco. Depois que o Rodrick finalmente apareceu com as compras, deu pra ver que ele tinha pegado um monte de coisas que não estavam na lista.



Quando o papai retornou o carro, Rodrick saltou pra dentro. Em seguida, fomos procurar um lugar para passar a noite, mas a cidade não era das melhores para isso.

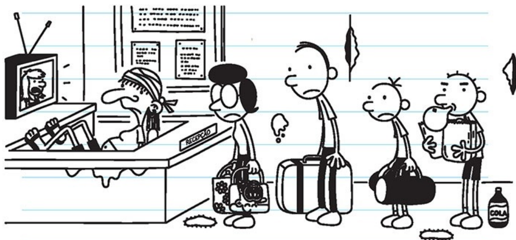


Alguns hotéis tinham letreiros enormes anunciando que tinham "TV em cores", o que não me parece ser um grande diferencial nos dias de hoje.

No fim, o papai parou na frente de um hotel com ar-condicionado e piscina, o que me pareceu ótimo, principalmente depois de perder uns dois quilos suando no banco de trás.

Não fiquei em muitos hotéis na minha vida, mas acho que o que escolhemos não era dos melhores.

O saguão tinha cheiro de mofo, e o carpete estava coberto de manchas bem esquisitas.



Só que todo mundo estava cansado demais para voltar pro carro e procurar outro lugar.

Pegamos a chave do quarto e, quando entramos, sentimos um cheiro forte de fumaça. Os travesseiros e o edredom tinham um monte de furos que, quase com certeza, eram marcas de cigarro.



O papai pegou uma toalha do chão, mas largou em seguida porque estava MOLHADA.

A mamãe voltou à recepção e pediu para trocar de quarto, mas o atendente falou que o hotel estava lotado e que aquele era o último quarto livre.

Então a mamãe pediu o dinheiro de volta, pra gente poder ir pra outro lugar. Mas aí o atendente falou que cancelamentos só eram aceitos com 24 horas de antecedência e que não podia devolver o dinheiro.



Quando a mamãe voltou para o quarto, falou que a gente ia ter que se virar, porque não ia ter como mudar de quarto. Então ela e o papai tiraram as roupas de cama e deixaram o colchão sem nada.

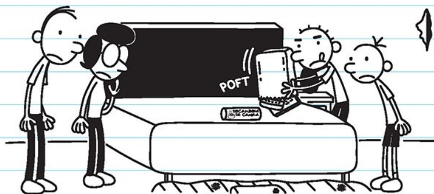


Acredite se quiser: o Manny continuou dormindo o tempo TODO. A mamãe falou que, se ele acordasse agora, não ia mais pegar no sono. Por isso, era melhor deixar que ele continuasse até de manhã.

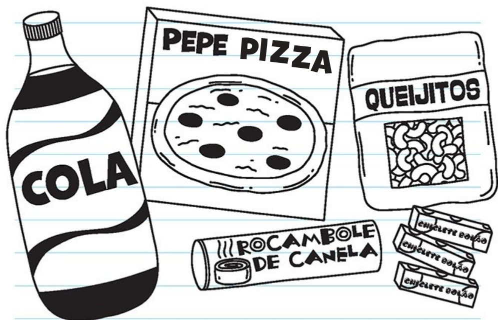
A mamãe acomodou o Manny no sofá-cama e pôs um cobertor em cima dele.



O resto da família estava morrendo de fome, então atacamos as sacolas com as coisas que o Rodrick trouxe. Ele não tinha comprado NADA da lista da mamãe.



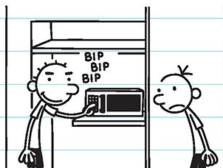
Rodrick devia ter pegado pães e frios para fazer sanduíches, suco de laranja e coisas do tipo, mas acabou comprando o que ELE gostava.



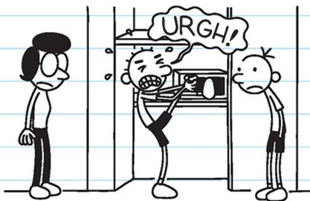
A mamãe ficou bem brava com o Rodrick, que ignorou a lista. Ele rebateu dizendo que não tinha conseguido entender a letra dela. A mamãe comentou que era uma péssima ideia comprar pizza e rocambole congelados, já que essas coisas precisavam ir ao forno e NÃO TÍNHAMOS um.



Mas o Rodrick não se deu por vencido e falou que podia esquentar a pizza no MICRO-ONDAS. E foi isso que ele fez, para mostrar que estava certo.

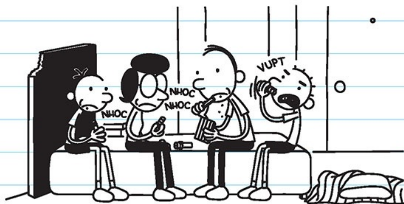


Mas, na verdade, aquilo era um COFRE, não um micro-ondas. Quando ele descobriu isso, a pizza já estava TRANCADA lá dentro.



A mamãe me deu o restante do dinheiro e me pediu para ir até uma dessas máquinas automáticas e comprar as coisas mais nutritivas que encontrasse.

E foi assim que acabamos comendo bolachas doces e balinhas de menta no jantar da nossa primeira noite de viagem.



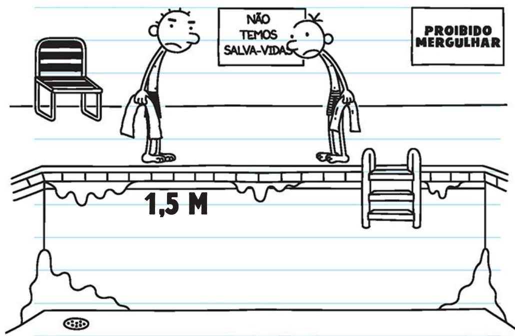
Domingo

Ontem à noite não deu pra ver TV nem fazer nada no quarto porque o Manny estava dormindo no sofá-cama.

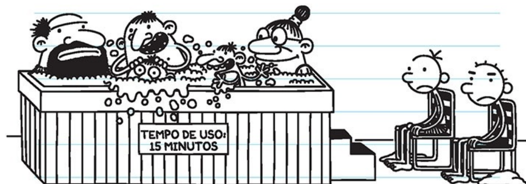
A mamãe não deixou nem acender a luz, então ficamos sentados no escuro por um tempo antes de o Rodrick e eu resolvermos descer até a piscina para matar o tempo.

Bom, o letreiro na frente do hotel dizia que o lugar tinha piscina, mas esqueceram de avisar que estava sem ÁGUA nenhuma dentro.

E, pelo jeito, não era usada há pelo menos uns cinco ANOS.



Perto da piscina tinha uma banheira COM água, mas já estava sendo usada por outra família. Rodrick e eu esperamos pela nossa vez.



Infelizmente, o pessoal nem se tocou que a gente tava a fim de entrar na banheira, então Rodrick e eu voltamos para o quarto.

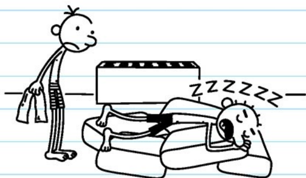
A luz ainda estava apagada, e a mamãe e o papai deviam estar bem cansados, porque dormiram de roupa e tudo.



Com a mamãe e o papai dormindo na cama, e Manny no sofá, não sobrou muito espaço para mim e o Rodrick.

Procuramos no armário uma cama de armar ou um colchão inflável, mas não tinha nada.

Rodrick foi mais rápido que eu. Ele juntou umas almofadas do sofá e fez uma cama no chão. Cinco minutos depois, tinha apagado.



Achei que o armário pudesse ser um bom lugar para dormir, então peguei umas toalhas no banheiro e as coloquei dobradinhas no chão.



Mas, alguns minutos depois de deitar, senti um cheiro HORRÍVEL, como se um rato tivesse morrido nos dutos de ventilação ou coisa do tipo.

Tentei cobrir o nariz com uma toalha de rosto, mas pareceu que o cheiro ficou ainda PIOR.

Não estava fácil dormir naquelas condições e, para piorar, alguém começou a RONCAR. Felizmente, eu estava preparado para isso. Eu já sabia que a mamãe e o papai roncavam, e foi por isso que levei meus protetores de ouvido para a viagem.

Só que estava tão escuro no quarto que só consegui encontrar UM na minha mochila, então tentei dormir com um protetor em um ouvido e a outra orelha grudada no chão.

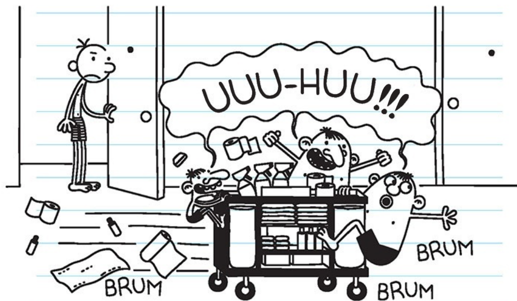


Até adormeci por alguns minutos, mas acordei por causa de um barulho estranho do lado de fora.

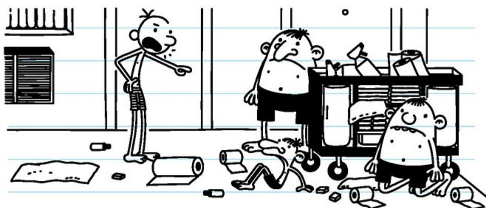


Quando espiei pelo olho mágico, vi alguma coisa passar bem depressa, só que não deu pra ver o que era. Abri um pouco a porta para poder observar melhor.

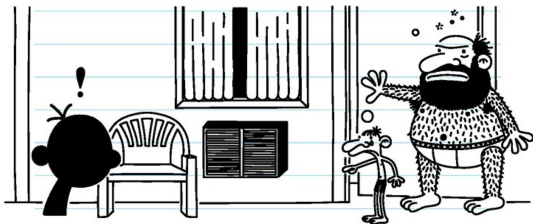
No final, eram os moleques da banheira. Eles tinham pegado um carrinho de limpeza e estavam brincando de bater com ele na parede.



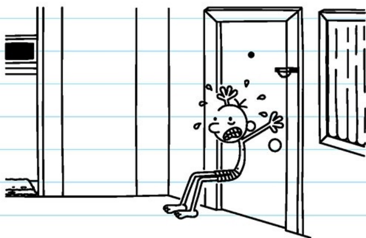
Não consegui ACREDITAR que os pais deles tivessem deixado os filhos fazerem uma bagunça daquelas no meio da noite, então saí para o corredor pra dar uma bela bronca neles.



O menino mais novo começou a chorar e correu para o quarto, e eu não me arrependi nem um pouco. Só que, um minuto depois, a porta se abriu e o PAI deles saiu.



Eu não estava a fim de levar bronca de um barbudo de cueca, e foi por isso que corri de volta para o quarto e tranquei a porta. Depois, rezei a noite toda para que a trava da porta fosse suficiente para manter o sujeito à distância.



Os moleques não devem ter visto em que porta eu entrei, porque o barbudo bateu no quarto errado. E depois deu umas pancadas na porta ao lado da nossa, antes de voltar para o quarto dele.

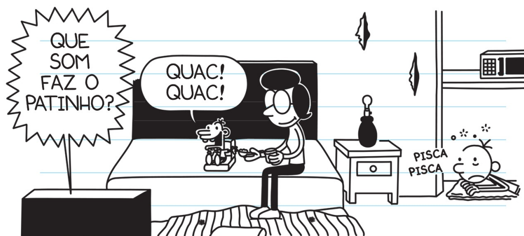


Quando a barra ficou limpa, pendurei um aviso na maçaneta, para o caso de o cara resolver VOLTAR.



Foi BEM difícil dormir depois disso. Toda vez que alguém passava na frente da porta, eu prendia a respiração até a pessoa ir embora.

Quando fui ver, o sol já estava dando o ar da graça, e o Manny também. A mamãe ligou a televisão e, sempre que o Manny vê TV, começa a FALAR imediatamente.



Fiquei um pouco irritado com o falatório do Manny, mas não tinha muito do que reclamar. Quando eu era menor, fazia exatamente a mesma coisa.

Uma vez, quando estava vendo meu programa favorito, o apresentador fez uma pergunta.



Só falei de brincadeira, mas aí o cara da TV RESPONDEU.



Teria sido melhor se isso não tivesse acontecido porque, por um tempão, fiquei achando que as pessoas na TV conseguiam ouvir o que a gente dizia.



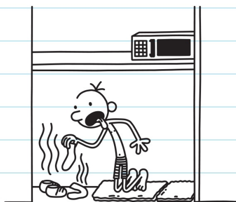
No fim, no meu aniversário de 6 anos, a mamãe teve que sentar comigo e explicar a diferença entre amigos "reais" e amigos "imaginários".



Quando o Manny começou a conversar com os seus personagens favoritos da TV, percebi que não adiantava tentar dormir de novo. Achei melhor levantar e pronto.

E, no instante em que decidi isso, descobri a fonte daquele cheiro horroroso. O Rodrick tinha guardado os tênis dentro do armário, e eu passei a noite inteira inalando aquilo.

Foi ainda PIOR quando descobri que a "toalha de rosto" que usei para bloquear o cheiro era, na verdade, uma das MEIAS do Rodrick.



Por falar no Rodrick, o papo do Manny com a TV não teve nenhum efeito sobre ele, que continuou dormindo mesmo com o falatório.



O papai ficou meio inquieto enquanto esperava todo mundo se aprontar de manhã. Ele é do tipo que se levanta com as galinhas para chegar bem cedo ao trabalho, e a ideia de fazer as coisas sem pressa pela manhã não era muito a dele.

Depois de um tempo, a mamãe acordou o Rodrick para tomar banho. Fomos até uma lanchonete ao lado do hotel para tomar o café da manhã e voltamos para a estrada.

A mamãe falou que, daquele momento em diante, a gente ia ter que dormir na mesma hora, pra não ficar perdendo tempo de manhã. Mas, assim que ela acabou de falar, o Manny caiu no sono dentro do carro.



O grande plano da mamãe para aquele dia era passar em um festival local que a "Alegria em Família" tinha indicado.

Eu nunca estive em um evento desses antes, mas parecia valer a pena conhecer.



O festival era um pouco longe do lugar onde estávamos, e eu teria que passar mais um tempão espremido no banco de trás. Por sorte, depois de uma hora, a mamãe se ofereceu para trocar de lugar comigo.

Quando fui pro banco da frente, não consegui acreditar no tanto de ESPAÇO que tinha ali.



E não era só o espaço que era melhor. Ali eu tinha meu próprio porta-copos e um pleno acesso ao ar-condicionado.

Fui tentar trocar a estação do rádio, mas o papai não deixou. Ele falou que só o MOTORISTA podia escolher a música. Não achei isso muito justo, mas também não queria correr o risco de voltar para o banco de trás.



As músicas do papai eram horríveis, mas a vista que eu tinha dali compensava tudo.

No banco de trás, não dá pra saber direito o que vem pela frente. Mas, no banco dianteiro, minha perspectiva era outra. Dava quase pra entender por que a mamãe estava tão empolgada com essa ideia de viajar de carro.

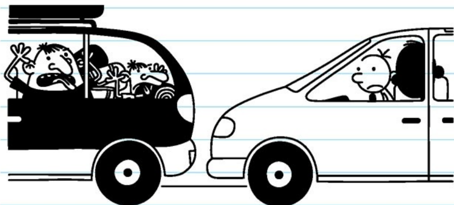
Quando saímos da rodovia para ir ao festival, paramos em um semáforo. Ficamos atrás de uma minivan igual à nossa, só que roxa.

Os meninos naquele carro me pareciam familiares. Demorei para perceber que eram os da noite anterior.

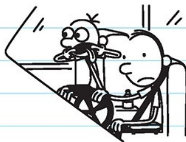


Não contei nada para a mamãe e o papai sobre a história do carrinho de limpeza, porque achei que poderia sobrar pra mim. Além disso, não queria que soubessem do meu incidente com o sr. Barbudão.

Os moleques na minivan roxa me reconheceram na hora e começaram a fazer caretas pra mim.



Eu não ia deixar barato para aqueles arruaceiros, então fiz uma careta para ELES.



O magricelinho tentou fazer a MESMA careta para mim. Bem nessa hora, o farol ficou verde e o carro arrancou, daí ele enfiou a cara no vidro.



O papai ultrapassou o carro deles e o sr. Barbudão ficou me encarando.



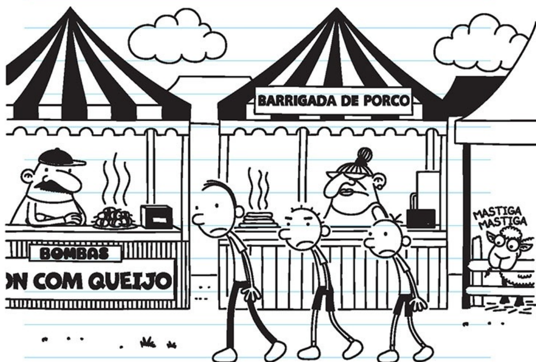
Por sorte, o estacionamento do festival ficava a poucos metros de distância. Quando paramos, eu quis ficar um pouco dentro do carro, só pra garantir que a minivan roxa não tinha seguido a gente.



Mas a barra parecia estar limpa. O Manny ainda dormia na cadeirinha, aí a mamãe disse que ficaria com ele e mandou a gente ir na frente.

O festival era BEM diferente do que eu imaginava. Estava esperando um carrossel, uma roda-gigante e coisas do tipo. Em vez disso, tinha um monte de barracas com animais de fazenda e comidas caseiras.

Como já estávamos ficando com fome, resolvemos procurar alguma coisa pra comer.



Tinha espetinho de salsicha empanada e tudo mais que se espera encontrar em um festival desses. Mas também tinha umas comidas estranhas, como manteiga frita no palito.

Na verdade, foi até melhor a mamãe ter ficado no carro. Com certeza ela não ia considerar aquelas coisas "comida de verdade".

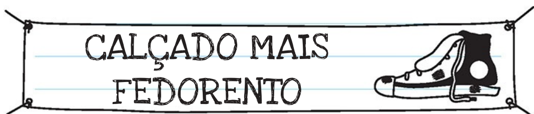


Depois de mais ou menos uma hora passeando pelo evento, o papai quis ir até o carro para ver se o Manny já tinha acordado, e falou que eu e o Rodrick podíamos dar uma volta sozinhos.

Ficamos de bobeira por lá um tempo, mas então encontramos uma barraca em que parecia estar acontecendo algo importante.

Era o concurso do Calçado Mais Fedorento e estavam oferecendo um prêmio para quem tivesse o pior chulé.

Tinha uma fila enorme de gente para participar do concurso.





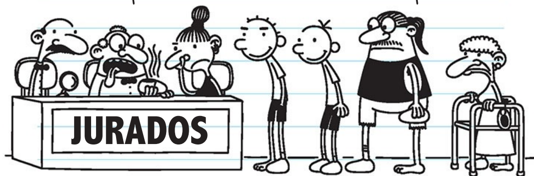
Eu disse para o Rodrick que ele DEVIA concorrer, porque merecia DE VERDADE ganhar aquele concurso.

Enquanto esperávamos na fila, o Rodrick e eu começamos a discutir sobre quem devia ficar com o prêmio. Falei que ele precisaria ser dividido meio a meio, porque a ideia tinha sido minha, mas ele argumentou que devia ficar com tudo, porque o tênis e o chulé eram DELE.



Um pouco antes de chegarmos à mesa dos jurados, fizemos um acordo. Eu ficaria com 10% do prêmio como comissão por ser o agente do Rodrick.

Alguns dos calçados concorrentes pareciam bem piores que os do Rodrick. Comecei a desconfiar de que não seria uma vitória fácil. Mas, assim que os jurados fizeram a prova do cheiro, o medo se dissipou.



Rodrick venceu. Por fim, o prêmio era um cupom que dava direito a uma manteiga frita no palito. Falei pro Rodrick que ele podia ficar com o prêmio todo. Só de pensar em comer mais alguma coisa frita, meu estômago embrulhava.

Rodrick pediu o tênis de volta, mas os jurados disseram que iam mandar para o campeonato nacional. Por isso, o Rodrick acabou ficando só com um tênis no pé. Enquanto ele comia sua manteiga frita no palito, resolvi dar uma volta sozinho.



Mas acabei levando um susto DAQUELES, porque quase dei de cara com a família inteira do sr. Barbudão. Por sorte, me escondi a tempo.



Depois de descobrir que a família do Barbudão estava no festival, não via a hora de dar o fora dali.

Fui procurar o Rodrick, mas ele devia ter voltado para o carro. Decidi voltar também, só que no caminho reconheci a mamãe no meio de uma multidão, em uma das barracas de animais de fazenda.

A aglomeração era grande, e ia ter que me acotovelar com as pessoas para conseguir passar.

Quando estava na metade do caminho, porém, começou uma tremenda gritaria.

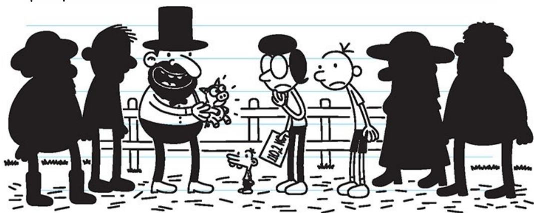


Quando finalmente consegui chegar na frente, lá estava o Manny no meio da multidão, com um pedaço de papel na mão.

Pelo que entendi, era um concurso para ver quem conseguia adivinhar o peso aproximado de um leitão. O Manny tinha acertado na mosca.



O prêmio por adivinhar o peso do leitão era um porquinho.



A mamãe explicou para o jurado que só tinha entrado no concurso por diversão, e que na verdade NÃO QUERIA o porquinho.

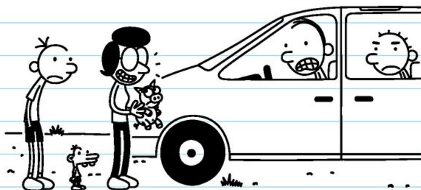
Mas o pessoal pareceu ficar meio ofendido e não quis saber de ter o prêmio recusado.



Com toda essa confusão, fiquei com medo de que a família do Barbudão acabasse aparecendo na barraca de animais para ver o que estava acontecendo. Por sorte, nesse momento, a mamãe decidiu que estava na hora de ir embora.

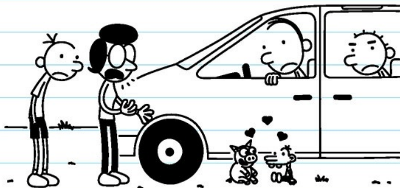
O papai estava no carro com o ar-condicionado ligado e, quando viu a mamãe carregando um porco, ficou bem surpreso.

A mamãe explicou que o Manny tinha ganhado o porquinho em um concurso, mas o papai não ficou nem um pouco contente com isso.



Ele falou que a gente não podia ter um porco de estimação, e que o bicho tinha que ser devolvido imediatamente.

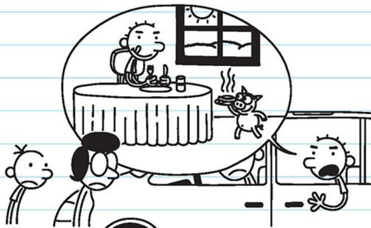
A mamãe explicou que era tarde demais, porque o porquinho já tinha "se afeiçoado" ao Manny.



O papai não se deixou convencer assim tão fácil. Ele falou que um porco era um "bicho de curral", e que podia ter uma porção de doenças. Mas a mamãe insistiu, dizendo que UM MONTE de gente tinha porcos e que eram tão espertos quanto cachorros.

Foi quando o Rodrick entrou na conversa. Ele foi a favor de FICAR com o porco, pra gente poder ter bacon de graça todo dia no café da manhã, como se fosse a mesma coisa que pegar ovos de uma galinha.

Ou ele não entende como se faz bacon, ou simplesmente falou a primeira coisa que lhe veio à cabeça.



Pra mim, não fazia diferença ficar com o porco ou não. Eu só queria ir embora logo.

Percebi que a minivan roxa estava estacionada a apenas algumas vagas de distância da nossa, e fiquei com medo de que a família do Barbudão aparecesse.

O papai finalmente cedeu. Mas falou que, se era pra levar o porco, que fosse no barco. Só que a mamãe disse que deixar o porquinho no barco era "desumano", e que a gente ia ter que encontrar um lugar para ele dentro do carro.

O problema era que NÃO tinha lugar para o porquinho na minivan. Ele não podia ficar solto dentro do carro. Também não dava pra prendê-lo com o cinto de segurança. Então o que a mamãe fez foi esvaziar a caixa térmica e colocar o bicho LÁ DENTRO.



Depois de resolver isso, finalmente saímos do estacionamento.

Quando o carro se afastou alguns quilômetros do local do festival, pude, enfim, respirar de novo.

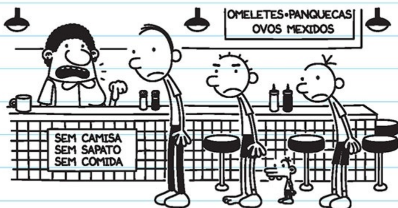
Só que o porquinho começou a tocar o terror logo de cara. Quando voltamos para a rodovia, ele tombou a caixa térmica, saiu e começou a fuçar em um dos sacos com o Lanchinho da Mamãe.



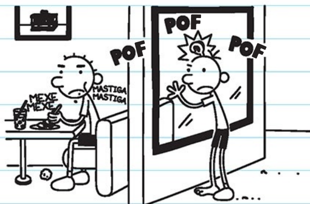
Tive que enfiar o bicho lá dentro de novo, e dessa vez resolvi PRENDER a caixa com o cinto, para que não tombasse.

A mamãe achou que o porco estava com fome e falou que a gente precisava parar pra comprar comida. A ideia era comermos em um restaurante e dar as sobras pra ele. Achei ótimo, porque finalmente ia conseguir fazer uma refeição decente.

Encontramos um lugar para comer alguns quilômetros pra frente, e a mamãe ficou no carro com o porquinho enquanto nós entramos. Mas aí a garçonete viu que o Rodrick só estava usando um tênis e falou que ele não podia entrar ali daquele jeito.



O papai falou que o Rodrick e eu podíamos dividir o MEU tênis. Eu só não queria ter deixado o Rodrick ir primeiro, porque ele demora demais pra comer.



Quando voltamos para o carro, demos para o porco o que sobrou do milho e dos legumes.

A mamãe começou a procurar lugares para passar a noite no GPS. Pediu para o Rodrick ligar pra um hotel e ver se havia quartos disponíveis. A resposta foi positiva, mas o Rodrick acabou estragando tudo ao dar detalhes demais na hora de fazer a reserva.



A mamãe encontrou outro lugar alguns quilômetros à frente. Dessa vez, ela mesma cuidou da reserva.

O hotel ficava logo depois do pedágio. Conforme fomos nos aproximando, o trânsito começou a ficar mais lento.

Isso era um grande problema, porque eu tinha tomado dois copos de limonada no restaurante e precisava MUITO usar o banheiro.



Vi um posto de gasolina ali perto e pedi para a mamãe e o papai pra usar o banheiro de lá. Disse que voltaria correndo quando terminasse.

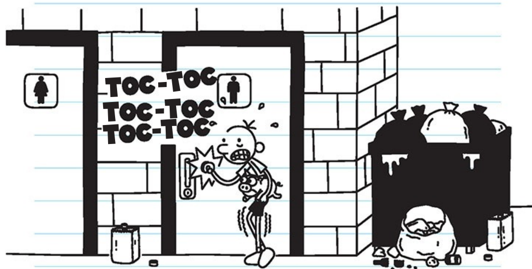
O papai não gostou da ideia porque achou que, enquanto isso, a fila podia andar e chegar nossa vez de passar pelo pedágio. Aí ficou bem claro pra todo mundo que o porco também precisava se aliviar: ele começou a correr em círculos dentro da caixa térmica.

A mamãe falou que eu podia usar o banheiro do posto, mas só se levasse o porco JUNTO.

Não pensei duas vezes. Enfiei o bicho debaixo do braço e disparei para o posto de gasolina.



Tentei entrar no banheiro masculino, mas estava trancado. Fiquei esperando a pessoa SAIR, mas pelo jeito quem estava ali dentro não tinha a mínima pressa.

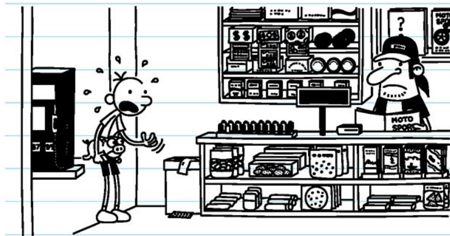


Já estava meio DESESPERADO, então tentei entrar no banheiro das mulheres, mas também estava trancado.

Voltei correndo para o carro, que tinha andado pouco mais de um metro na minha ausência.

Quando contei pra mamãe que o banheiro estava ocupado, ela falou que os banheiros dos postos de gasolina ficam SEMPRE trancados, e que eu precisava pegar a CHAVE com um funcionário.

Voltei correndo para o posto e falei pro cara do balcão que precisava desesperadamente usar o banheiro.



Não sei bem o que eu esperava de um banheiro de posto de gasolina, mas aquele era MUITO PIOR do que eu imaginava.



Só o que tenho a dizer é que foi bem esquisito usar o banheiro com um bicho me OLHANDO. Mas, no fim, o porco pareceu estar mais envergonhado que eu. Quando chegou a vez dele, não aconteceu NADA.



Depois de devolver a chave, vi que o nosso carro estava quase chegando no pedágio, por isso voltei correndo para entrar a tempo.

Só queria que, antes de abrir a porta, eu tivesse reparado em um detalhe: se havia um BARCO atrás.



NOSSO carro ainda estava um pouco atrás. Quando voltei pra lá, o porquinho parecia prestes a explodir.

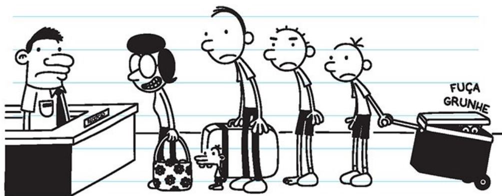
Acho que a mamãe tinha razão quando falou que os porcos eram espertos. Quando coloquei o bicho no peniquinho do Manny, ele soube EXATAMENTE o que fazer.



Segunda-feira

Quando paramos no hotel ontem à noite, fiquei aliviado ao ver que era um lugar muito melhor que o da noite ANTERIOR.

A mamãe e o papai não queriam correr o risco de não conseguir um quarto por causa do porco, então ele tinha que ficar dentro da caixa térmica até a gente se acomodar.

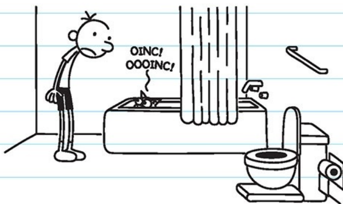


Acho que a mamãe se sentiu culpada pelo que aconteceu na primeira noite, porque dessa vez pegou DOIS quartos e todo mundo tinha uma cama.

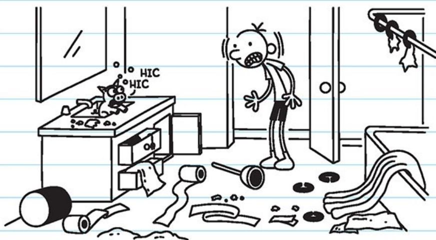
Mas era tudo bom demais para ser verdade. A mamãe falou que, como ela e o papai iam dormir com o MANNY, o PORCO ia ficar com a gente.



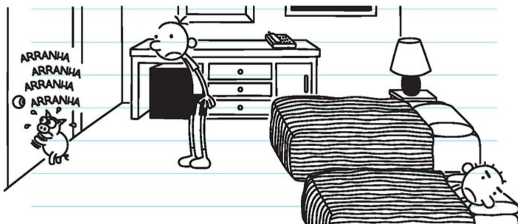
Eu não sabia o que fazer com o bicho, então enfiei na banheira. Só que ele começou a resmungar assim que entrou lá.



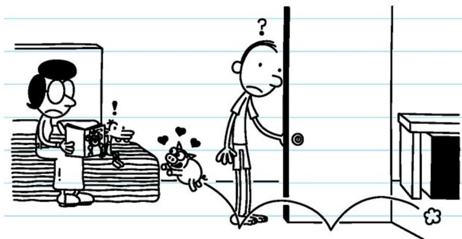
Decidi deixar o porquinho solto no banheiro, mas, minutos depois, quando fui dar uma olhada, ele tinha feito uma TREMENDA bagunça lá dentro. E acho que ele comeu um sabonete também.



Deixei o porco solto no quarto, pra ficar de olho nele. A primeira coisa que o bicho fez foi correr até a porta que separava os dois quartos.

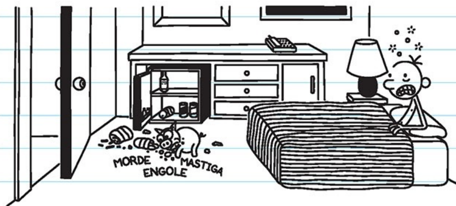


No fim, o papai ficou de saco cheio do barulho e abriu a porta pra deixar o porco entrar.



Eu estava tão cansado que caí no sono assim que pus a cabeça no travesseiro.

Quando acordei hoje de manhã, ouvi uns ruídos estranhos vindos do pé da cama. Pensei que o Rodrick tivesse acordado mais cedo, mas logo percebi que era o PORCO.



De algum jeito, ele conseguiu abrir o frigobar e estava acabando com os chocolates e doces lá de dentro.

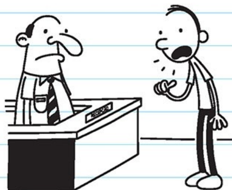
Peguei o porco, pus na banheira e fui para o outro quarto contar pra mamãe e pro papai o que tinha acontecido. Só que o porco já tinha saqueado o frigobar de lá TAMBÉM.



Ele conseguiu abrir até as BEBIDAS. Contei pelo menos três latas vazias no chão, e nem imagino como um porco foi capaz de fazer ISSO.



O papai foi à recepção explicar que nosso "bichinho de estimação" tinha aberto o frigobar, e que eles não podiam cobrar pelas coisas que ele havia consumido.



O atendente falou ao papai que ele ia ter que pagar pelas coisas do mesmo jeito e, ALÉM DISSO, levaria uma multa de cinquenta pratas, porque o hotel não aceitava animais nos quartos.

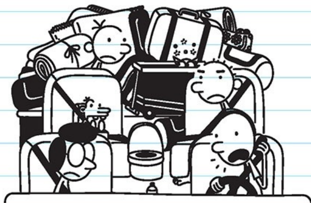
No fim das contas, a bagunça do porco acabou custando mais que os próprios QUARTOS.

A mamãe estava com pressa para voltar à estrada, por isso acordou o Rodrick e o mandou tomar banho. Acho que eu devia ter avisado que o porco estava dentro da banheira antes de ele entrar.



Quando voltamos para o carro, o papai estava no telefone com o pessoal do trabalho. Pelo jeito, tinha acontecido algum imprevisto, e ele era a única pessoa que sabia como resolver a situação.

A mamãe tinha planejado um dia de viagem cheio de paradas, e não ficou nem um pouco feliz ao ver o papai ocupado com o trabalho. Voltamos à estrada mesmo assim, e o papai ficou falando no celular ao volante.



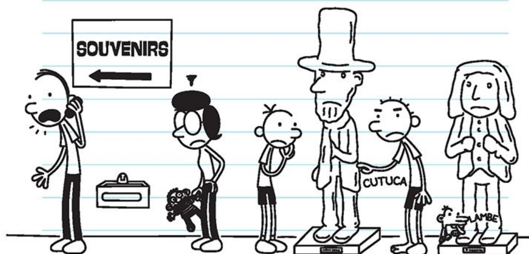
Nossa primeira parada foi em um lugar que diziam ter a maior pipoca do mundo, o que no fim não era nada impressionante. Para começar, não era nem uma pipoca de verdade, só uma reprodução em madeira. E nem era tão grande assim.

Quando descemos do carro, o papai ficou lá, ainda pendurado ao telefone. O porco também ficou, ainda dormindo depois de ter enchido a pança no frigobar.



Em seguida, fomos a um lugar "mundialmente famoso" por causa de umas esculturas em manteiga que retratavam todos os presidentes americanos.

Dessa vez, a mamãe fez o papai descer do carro e ir junto, mas ele continuou no telefone o tempo todo.



Quando voltamos para o carro, a mamãe disse ao papai que ele estava perdendo nosso "tempo em família". O papai respondeu que precisava resolver só mais uma coisinha e que depois estaria totalmente livre para nós.

Ele explicou que estava esperando uma ligação internacional de um cliente e, quando isso acontecesse, era FUNDAMENTAL todos manterem silêncio, para parecer que ele estava no escritório.

Isso não parecia ser problema. Manny já tirava sua soneca da tarde e o porco ainda estava apagado dentro da caixa térmica.

Alguns minutos depois, o telefone do papai tocou. Pelos gritos do outro lado da linha, o sujeito estava bem contrariado. Mas o papai começou a falar com um tom de voz bem tranquilo e o cliente foi se acalmando.

Enquanto isso, a gente ficou ouvindo em silêncio. Daí o Rodrick resolveu mascar chiclete. Enfiou logo cinco de uma vez na boca e começou a fazer um barulhão.

A mamãe estalou os dedos, pedindo pra ele parar com o barulho.

Mas os estalos dos dedos dela eram MAIS ALTOS que o barulho do Rodrick, e deu pra ver que o papai começou a ficar irritado.

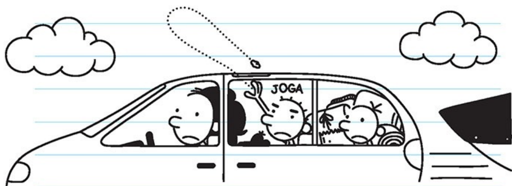


A mamãe queria que o Rodrick jogasse o chiclete fora, então apertou o botão para abrir o teto solar. Aí, o vento INVADIU o carro fazendo um ruído parecido com o de uma turbina de avião.

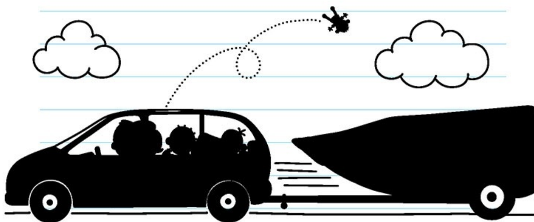


Logo que a mamãe percebeu a mancada, apertou o botão para FECHAR o teto solar. Mas, antes que ele fechasse totalmente, o Rodrick arremessou o chiclete pela abertura.

O chiclete saiu voando, mas, como um bumerangue, voltou e grudou bem no trilho do teto solar.



A mamãe continuou apertando o botão para fechar, mas o treco emperrou. Nisso, o vento que vinha de fora apanhou o José Fino e ele saiu voando.

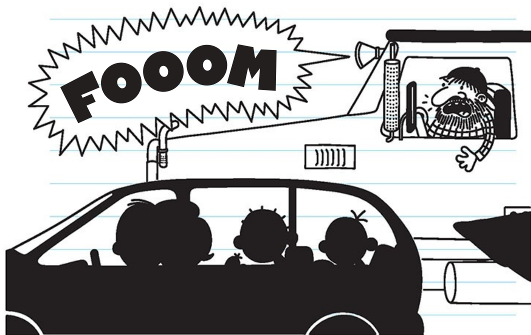


O papai teve que se virar para se concentrar na conversa enquanto mexia nos botões para tentar fechar o teto solar.

Mas, para isso, teve que soltar o volante. Ele estava dirigindo o carro com os JOELHOS.



O carro começou a sair da pista, e o motorista de um caminhão enorme que vinha ao lado protestou. Com o susto, o papai deixou cair o celular.



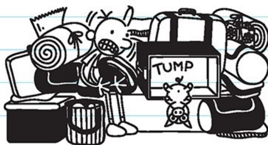
A buzina também assustou o Manny, e a chupeta dele caiu no chão.

Manny ficou sugando o ar como se ainda estivesse com a chupeta na boca... e eu sabia que não ia demorar muito pra ele perceber isso e abrir o berreiro.



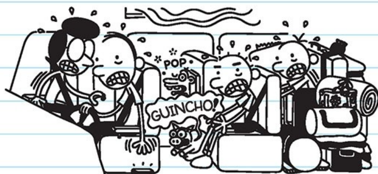
Vi a chupeta no chão bem na minha frente, então desafivelei o cinto para conseguir pegar. Só que, sem querer, acabei soltando o cinto que mantinha a CAIXA TÉRMICA no lugar.

Nesse instante, o papai tentava pegar o celular e acabou jogando o carro para a esquerda, fazendo a caixa tombar.



Depois disso foi o caos. O porquinho solto, o Manny berrando e o papai esbravejando porque não conseguia alcançar o telefone.

Mas o principal problema era o PORCO. O bicho tinha surtado. Corria e guinchava feito um maluco. Todo mundo tentou segurá-lo, mas o danado era liso feito quiabo.



Então, de repente, o porquinho ficou quieto. E, quando ressurgiu, entendemos por quê.



Estendi a mão bem devagar e arranquei a chupeta do Manny da boca do porco. Mas aí ele me MORDEU.



Acho que o porquinho entendeu que aquela era a chance dele. Ele pulou em cima da cadeirinha do Manny e tentou se esgueirar para fora da janela, que estava com uma fresta aberta.



O porco conseguiu pôr a cabeça e as patas dianteiras pra fora, e DE FATO teria pulado se a mamãe não tivesse entrado em ação e segurado suas patas traseiras.

Mas, quando se virou para agarrar o bicho, ela meteu o pé no som do carro e o CD de espanhol começou a tocar no último volume.



Todo esse tempo, o papai continuou esbravejando. No fim, a mamãe conseguiu puxar o porquinho de volta e fechou a janela. Enquanto isso, o papai parou o carro e desligou o som.

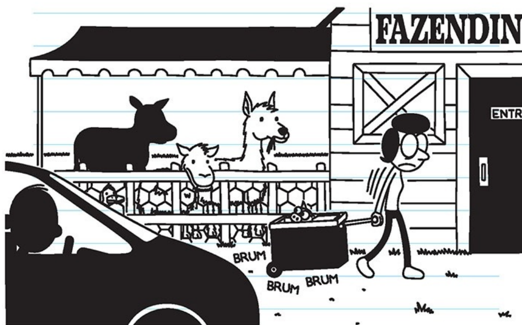
O carro ficou em silêncio por um tempo, enquanto todos recuperavam o fôlego. O papai estava furioso porque a gente tinha arruinado a conversa dele no telefone. Ele deixou isso bem claro, em alto e bom som.

Ele só esqueceu de verificar se o celular ainda estava ligado. Quando pôs o telefone de volta na orelha, o cliente ainda estava do outro lado da linha.

Terça-feira

Depois do desastre da ligação do papai ontem, ele e a mamãe tiveram uma longa conversa fora do carro. Quando voltaram, viajamos em silêncio por um tempão.

Meia hora depois, paramos no estacionamento de uma minifazenda. A mamãe abriu a porta do carro e pegou a caixa térmica com o porquinho.



A mamãe entrou. Vinte minutos depois, voltou com a caixa térmica vazia.

Pessoalmente, não fiquei muito triste por ver o porco ir embora, mas pro Manny foi outra história.



Na verdade, não sei direito se foi um grande favor para o pessoal da minifazenda doar um porco que mordia crianças.

E, por falar nisso, a dor no dedo estava ACABANDO comigo.

O papai falou que o porquinho não devia ser vacinado e que podia até ter raiva – tudo o que eu NÃO queria ouvir.

Já vi um monte de filmes de terror nos quais, depois de serem mordidas por um animal, coisas horríveis acontecem com as pessoas. A ÚLTIMA coisa que eu preciso é ser transformado em homem-porco, porque isso pode atrapalhar um bocado minha vida sentimental.



A mamãe deu uma olhada no meu dedo e ficou um pouco preocupada. Ela falou que a gente ia procurar um médico para examinar melhor o ferimento. Lógico que isso só me deixou ainda mais nervoso.

A mamãe tentou achar um pronto-socorro no GPS, mas não tinha nenhum em um raio de 80 km.

Mas ela achou uma clínica VETERINÁRIA a uns cinco minutos dali.

Ela falou que um veterinário era quase a mesma coisa que um médico normal. Nesse caso, era até MELHOR, porque devia saber mais sobre mordidas de porco.

Sinceramente, pensei que a mamãe estivesse brincando quando falou que eu podia ser examinado por um veterinário, mas era bem sério. Alguns minutos depois, paramos no estacionamento da clínica.



Aguardamos sentados em um banco enquanto a mamãe falava com a recepcionista.

Um minuto depois, a mamãe voltou com uma prancheta e uma ficha para preencher.

Só espero que essa coisa não vá para o meu histórico médico, porque pode me causar muita vergonha no futuro.

Pronto-socorro animal

Registro de paciente

Nome do animal: "Greg"

Nome do dono: Susan Heffley

Espécie: humano

Última vacina: 12 de janeiro

Já teve vermes? Sim ☒ Não ☐

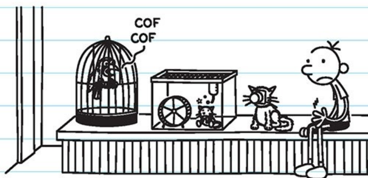
[quando criança]

Última vacina de raiva: nunca tomou

Castrado? Sim ☐ Não ☒

Quando a mamãe entregou a ficha, a recepcionista me mandou aguardar com os outros "pacientes".

Eu imaginava que teria algum tipo de prioridade por ser um humano, mas fui colocado atrás de um hamster que tinha comido um cigarro e um gato com o focinho preso em um pote de iogurte.



Quando a gente tinha um cachorro, o Chuchu, ele precisou ser levado para o veterinário um monte de vezes por comer coisas que não devia. Mas, da ÚLTIMA vez que a mamãe foi até lá com ele, nem precisava ter tido o trabalho.

A mamãe tinha encontrado um monte de embalagens vazias de chocolate na lavanderia, e pensou que o Chuchu tivesse comido.

Aparentemente, chocolate é como VENENO para os cachorros, então a mamãe foi correndo para o veterinário fazer uma lavagem estomacal nele.



Quando voltou com o Chuchu, ela me contou que ele tinha comido os chocolates. Fiquei me sentindo meio mal, porque quem tinha comido tudo aquilo era eu, e não o cachorro.

E, pelo que ouvi dizer, uma lavagem estomacal não é uma experiência muito agradável.



Para mim, aquela consulta era tipo um castigo por causa do incidente com os chocolates, principalmente depois de ser pesado numa balança de CACHORROS.

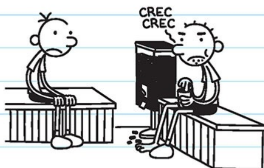


A enfermeira tirou minha temperatura também, segurando o termômetro debaixo da minha língua por trinta segundos.

Quando voltei para a sala de espera, o Rodrick me contou que, quando tiram a temperatura dos ANIMAIS, eles enfiam o termômetro em OUTRO lugar, e provavelmente usavam o mesmo equipamento para todos os pacientes.



Fiquei com medo de que o Rodrick estivesse certo, mas aí me dei conta de que essa informação vinha de um cara que estava comendo ração de hamster.

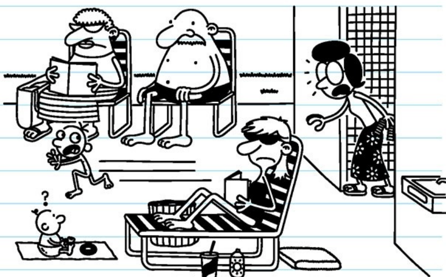


Enquanto a gente esperava, o Manny saiu correndo porta afora duas vezes, e o papai teve que ir atrás dele antes que acabasse indo longe demais. Acho que o Manny ainda estava bravo por termos deixado o porquinho na minifazenda e queria dar o troco.

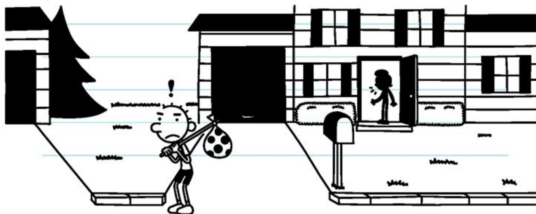


Quando eu tinha a idade do Manny e ficava bravo com a mamãe e o papai, sempre tentava fugir.

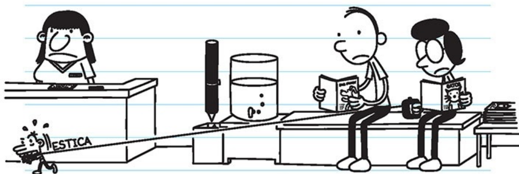
Lembro de uma vez que a gente estava no vestiário da piscina e a mamãe queria me fazer vestir uma sunga que eu detestava. Eu saí correndo, mas sem ter a menor noção de ONDE estava indo.



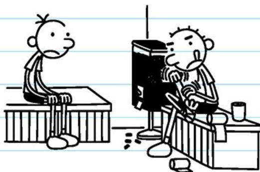
O RODRICK era outro que fugia sempre. Quando estava no primeiro ano, fugia de casa todo dia, mas voltava quando a mamãe avisava que ia começar seu programa favorito na TV.



Quando o Manny tentou fugir hoje pela TERCEIRA vez, a mamãe comprou uma coleira retrátil na recepção para tentar mantê-lo sob controle.



A mamãe também comprou bandagens para enfaixar o pé do Rodrick, assim ele podia voltar a entrar nos restaurantes com a família.



Finalmente chegou a minha vez de ser atendido. A enfermeira me levou até o consultório. Minhas mãos começaram a suar, já que sempre fico um pouco nervoso quando vou ao médico.

Não sou muito fã de agulhas e a mamãe sabe disso. Então, quando tenho que tomar uma vacina contra gripe ou coisa do tipo, ela nunca me avisa antes.

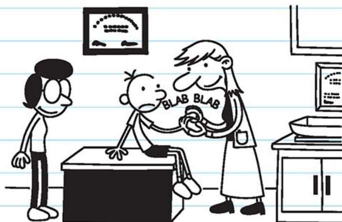
Quando percebo o que está acontecendo, já não tenho mais como escapar.



Dessa vez, porém, não precisei de injeção nenhuma. A mamãe contou para a veterinária o que tinha acontecido e ela examinou meu dedo.

A veterinária falou que não havia motivo para preocupação, porque os dentes do porco não tinham rasgado minha pele.

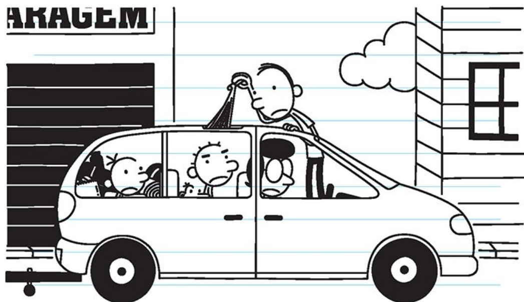
Ela passou uma pomada bactericida no meu dedo, só por precaução, e me dispensou.



Fiquei bem impressionado com a minha consulta com a veterinária. Ela foi muito direta e profissional, e não tentou me pegar de surpresa com agulhas.

Acho que, quando voltarmos pra casa, vou dar uma pesquisada nos veterinários da nossa cidade. Não estou AFIRMANDO que vou trocar de especialista, mas prefiro ter opções.

Quando saímos da clínica, o papai ficou um tempão tentando arrancar o chiclete do teto solar com um palito de sorvete. Mas estava tudo tão grudento e melequento que ele acabou desistindo.



Ele não gostou nada da ideia de não conseguir fechar o teto solar, então rodamos um pouco à procura de um mecânico. Mas ninguém com quem o papai falou topou pôr a mão na massa por menos de 100 pratas.

No fim, o papai passou em um mercado e comprou papel-celofane e fita adesiva para improvisar um teto solar ao seu ESTILO.



Acho que o papai ficou orgulhoso por economizar o dinheiro do conserto, principalmente quando começou a chover e ele viu que seu teto solar aguentou firme.

Mas, depois de um tempo, o celofane começou a ficar cheio de água e insetos.



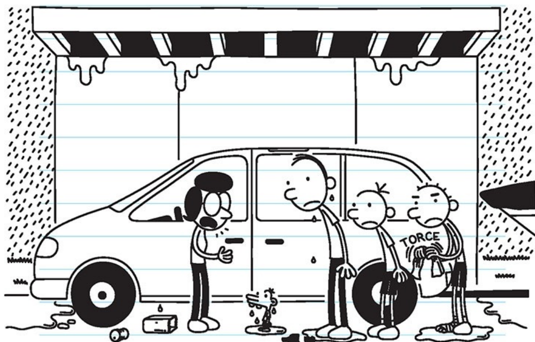
Até que a coisa toda cedeu. Pela primeira vez fiquei contente por estar sentado no banco de trás.



O papai parou o carro em um abrigo na estrada, pra gente esperar a chuva passar. O Manny e o Rodrick aproveitaram para trocar de roupa.

A viagem estava sendo um desastre completo. Até a mamãe admitiu isso.

Ela falou que provavelmente não era uma boa ideia seguir tudo o que estava escrito na revista e que, se a gente mudasse um pouquinho os planos, talvez ainda desse para salvar a viagem.



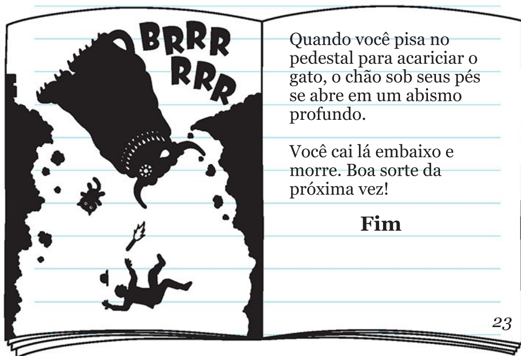
A mamãe disse que, dali em diante, a gente só ia parar onde desse vontade, e as decisões iam ser tomadas em FAMÍLIA. Ela sugeriu que o restante da viagem fosse como os livros da série Escolha a Sua Aventura.

Sempre gostei desses livros. A cada página dava para tomar uma decisão que mudava o rumo da história.



O problema é que as minhas escolhas nunca me levavam a um final feliz.

Na verdade, parece que TODAS as escolhas que eu faço estão sempre ERRADAS.



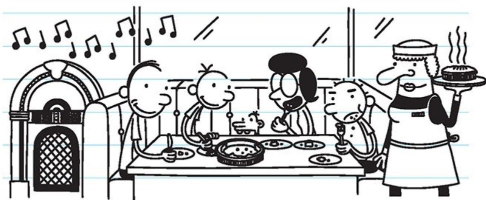
Bem, eu não estava lá muito confiante nessa nova ideia da mamãe, mas, desde que eu não acabasse mordido por outro porco, talvez as coisas pudessem melhorar.

Depois que a chuva passou, voltamos para o carro e resolvemos tentar pôr em prática a ideia da mamãe. Na primeira encruzilhada da estrada, ela perguntou pra gente se era melhor seguir pela direita ou pela esquerda.

Fizemos uma votação. O Rodrick e eu votamos pela direita, e foi isso o que fizemos. E, quando chegamos a OUTRA encruzilhada, votamos de novo, dessa vez para ir pela ESQUERDA.



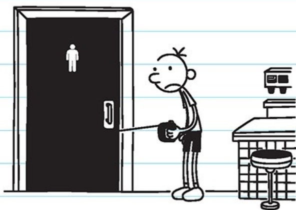
Acabamos entrando em uma cidadezinha que tinha dois restaurantes e, depois de votar, entramos em um lugar que tinha a melhor torta de maçã que já comi na vida. Era tão boa que acabei pedindo OUTRO pedaço.



A mamãe estava toda orgulhosa pela grande reviravolta na viagem. Disse que ia escrever para a "Alegria em Família" e contar a NOSSA história.

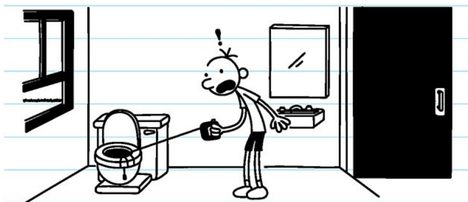
A única pessoa que NÃO ESTAVA se divertindo era o MANNY. Ele ainda estava chateado por causa do porquinho. A mamãe manteve a coleira dele presa enquanto a gente comia, pra garantir que ele não fugisse.

Depois do almoço, a mamãe me pediu para levar o Manny ao banheiro. Só tinha uma cabine, então fiquei esperando do lado de fora enquanto ele fazia o serviço.

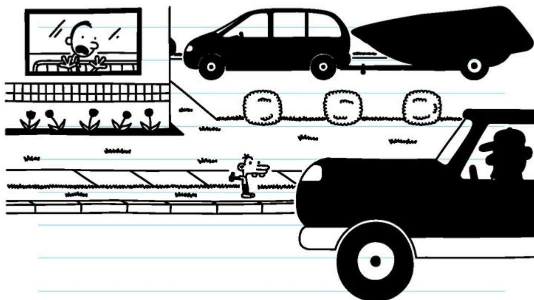


Manny já estava lá dentro havia um tempinho e comecei a me perguntar por que demorava tanto.

Quando resolvi abrir a porta, ele tinha SUMIDO.



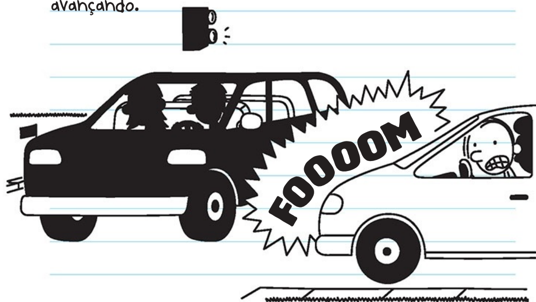
Por sorte, o papai viu o Manny pela janela do restaurante e saiu atrás dele antes que fosse tarde demais. Porque, se demorasse mais um minutinho, QUEM SABE aonde ele podia ter ido parar?



Voltamos para o carro e a mamãe prendeu o Manny direitinho na cadeirinha. Quando paramos em um semáforo, todo mundo concordou que era melhor ir pela esquerda e ficamos esperando o sinal abrir.

Quando a luz ficou verde, o papai acelerou, mas aí apareceu outro carro do nada, atravessando o farol VERMELHO.

O papai meteu a mão na buzina, mas o sujeito continuou avançando.



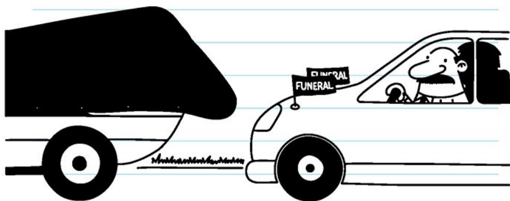
Em seguida, outro carro atravessou o sinal vermelho, e depois OUTRO. Era como se ninguém tivesse PERCEBIDO que o sinal estava fechado.

Papai ficou irritado. Quando viu uma brecha entre dois carros, acelerou com tudo e entrou à esquerda.



Conseguimos entrar por pouco na frente do carro SEGUINTE, que TAMBÉM atravessou o sinal vermelho.

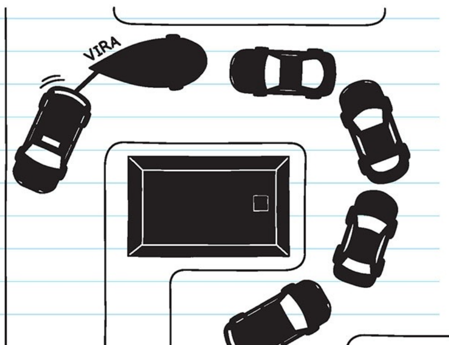
Quando olhei para o carro de trás, notei uma coisa esquisita. Tinha uma bandeirinha colocada em cada lado do capô.



A mamãe também percebeu e ficou bem incomodada com isso. Ela falou que aqueles carros faziam parte de um cortejo FÚNEBRE.

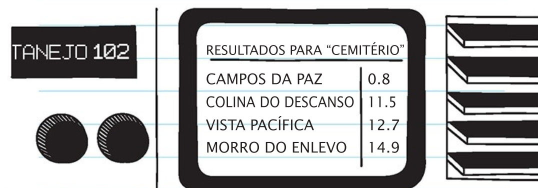
Explicou que, durante um funeral, os carros podem passar nos sinais fechados no trajeto da igreja para o cemitério, para que ninguém se separe no caminho. E nós estávamos bem no meio deles.

O papai ficou em pânico com a ideia de que todos os carros de trás estivessem SEGUINDO a gente, e tentou despistar o pessoal fazendo curvas repentinas.



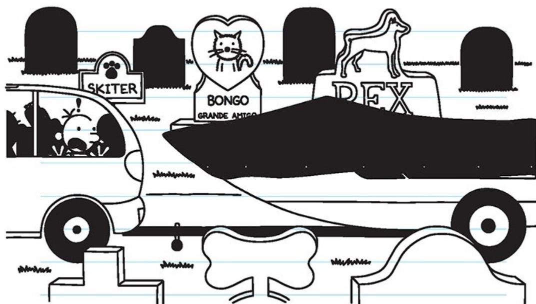
Não funcionou. O papai falou que ia voltar para a rodovia e tentar se livrar deles DESSE JEITO, mas a mamãe falou que o MÍNIMO que a gente podia fazer era guiar o pessoal até o cemitério.

A mamãe digitou "cemitério" no GPS. Tinha um a poucos quarteirões de distância.

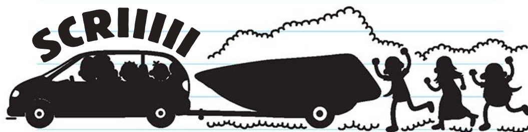


Entramos pelo portão e estacionamos logo ao lado do caminho para os túmulos. Todas as pessoas dos carros de trás desceram, mas pareciam bem confusas.

Depois de uma olhada rápida nas lápides, logo ficou claro qual era o problema. Pelo jeito, o GPS não faz nenhuma distinção entre cemitérios. Ele guiou a gente até um cemitério de ANIMAIS.

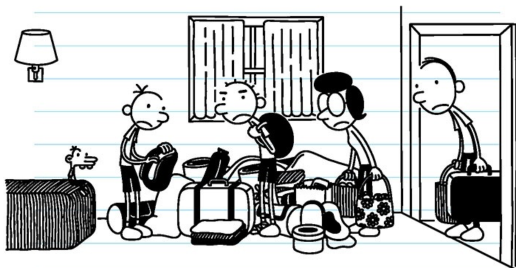


Por sorte, o papai resolveu dar o fora dali antes que a coisa ficasse realmente feia pro nosso lado.



Depois de sairmos vivos do cemitério de animais, todo mundo decidiu que seria melhor encerrar aquele dia de viagem e dormir. Encontramos um hotel alguns quilômetros adiante e pegamos um quarto no sétimo andar.

O papai não queria deixar todas as nossas coisas no carro, já que alguém poderia entrar pelo teto solar e roubar o que quisesse, então tivemos que levar TUDO lá para cima.



Hoje de manhã, a mamãe propôs que a gente continuasse com a ideia do Escolha a Sua Aventura. Já estava começando a me perguntar se era mesmo um bom plano, porque quase arrumamos uma encrenca feia com aquela ideia no dia anterior, mas a mamãe não arredava o pé.

Ela pegou um monte de folhetos na recepção e levou para a mesa do café da manhã, pra gente ver o que queria fazer durante o dia.



Havia opções DEMAIS. Estava difícil chegar a um acordo sobre a melhor.

O papai queria fazer um passeio guiado por um campo de batalha da Guerra Civil, que durava o dia todo. A mamãe queria ir à praia. E o Rodrick queria visitar o museu das guitarras elétricas.

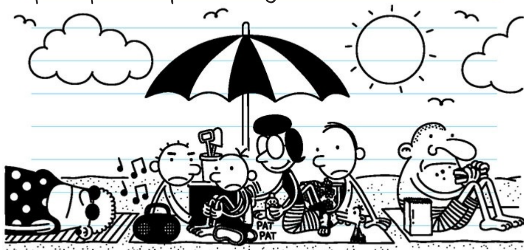
O mais interessante pra MIM era o Mundo Encharcado. A gente até foi a um parque aquático no verão PASSADO, mas choveu. Pensei que essa seria uma boa maneira de compensar aquela decepção.



Mas, vendo o folheto, a mamãe achou que o Mundo Encharcado parecia um lugar muito "artificial", e a ideia da viagem era EVITAR esse tipo de coisa.

Como não conseguimos chegar a um acordo, a mamãe avisou que ia tomar uma "decisão executiva": a gente iria à praia. O papai não reclamou. Com certeza pensou que, como ia estar perto da água, teria uma chance de usar o BARCO.

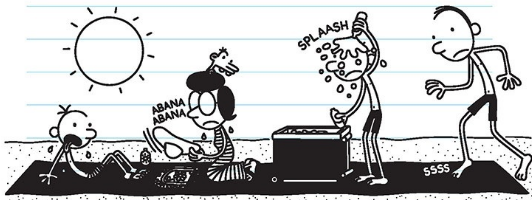
Pessoalmente, não sou muito fã de praia. Para mim, é sempre a mesma coisa: estender uma esteira na areia e ficar sentado lá o dia todo. Não dá para ir a lugar nenhum, porque a gente fica preocupado em perder o lugar.



Na última vez em que fomos à praia, o papai estendeu na areia a lona que usa para cobrir o barco. Assim teríamos mais espaço para a família e o resto das coisas.

Só que a lona tem pelo menos o DOBRO do tamanho da esteira, e ocupou um espaço enorme na praia.

Isso sem falar que é feita de PLÁSTICO. Com o sol forte, parecia que a gente estava sentado numa frigideira.



E tudo ficou AINDA MAIS constrangedor quando todo mundo foi comer no calçadão e eu tive que ficar tomando conta das coisas sozinho.



Por isso eu não estava muito empolgado para ir à praia, principalmente sabendo que o papai tinha trazido a lona do barco dessa vez também.

A praia ficava a umas quatro horas de viagem, então decidi tirar um cochilo até lá. E, pode acreditar, com toda aquela tralha no banco de trás da minivan, não foi nada fácil.

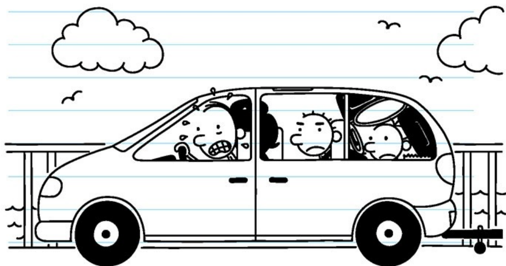


Acordei quando senti que o carro parou. Pensei que estivéssemos na praia, mas ainda não tínhamos nem atravessado a ponte. Pelo jeito, um monte de gente teve a MESMA ideia que nós.



A uns quinhentos metros da ponte, deu pra ver que o papai começou a ficar apreensivo.

Ele DETESTA pontes porque, por algum motivo, tem vertigens sempre que atravessa uma.



A ponte que levava à praia era bem alta. Ficava muito acima da água. Com certeza o papai não ia querer ficar parado ali durante meia hora.

A mamãe sugeriu que o RODRICK dirigisse. Então o papai parou o carro e eles trocaram de lugar.

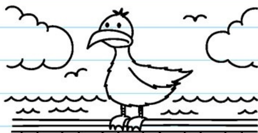
O papai ficou com o meu lugar no último banco, para não ficar olhando pra ponte pelo para-brisa, e eu mudei para a fileira do meio.

Quando sentou no banco do motorista, o Rodrick resolveu se aproveitar da regra do papai sobre o rádio e ligou um baita heavy metal. Dava pra ver que isso não ia ajudar em nada no estado de nervos do papai.



O trânsito andava a uns dez por hora. Dava a impressão de que a gente ia ficar na ponte por mais tempo que o esperado, então abri um pacote de salgadinhos que o Rodrick tinha comprado no mercado.

Tinha uma gaivota pousada na barra de proteção da ponte, bem ao lado do carro, e o bicho ficou me encarando.



Acho que fiquei com dó, daí joguei um salgadinho pelo teto solar. Devo admitir que fiquei impressionado, já que a gaivota conseguiu pegar a comida em pleno ar.



Quando estava prestes a jogar OUTRO, a mamãe me disse para não fazer isso.

Ela falou que gaivotas são animais agressivos, e que dar "comida de gente" a elas não era uma boa ideia.

A mamãe tinha razão sobre essa coisa da "agressividade". Dois segundos depois, a gaivota estava no teto do carro, e ela queria mais comida.



Joguei mais um salgadinho para ela ir embora, mas a gaivota deixou o pestico cair dentro do carro.

Foi aí que a coisa ficou FEIA.



A gaivota pulou para DENTRO do carro e comeu o salgadinho que estava lá embaixo.

Por um instante, todo mundo ficou em choque ao perceber que tinha uma gaivota dentro do carro, e ninguém moveu um músculo.



A gaivota grasnou algumas vezes e tentou sair voando por onde tinha entrado. Mas errou por meio metro e bateu no teto.

Depois disso, o bicho pirou. Começou a voar descontroladamente, batendo nas janelas. Todo mundo entrou em pânico. Penas e salgadinhos voaram pelo carro todo.



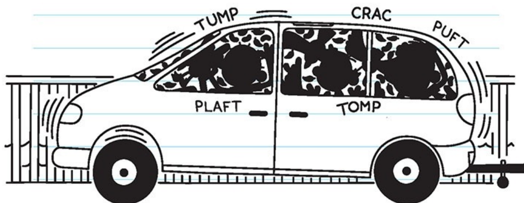
Aí a gaivota bancou a gulosa e foi pegar o pacote de salgadinho que tinha caído, mas segurei o saco e não ia largar por nada. Todo mundo gritava pra eu soltar, mas me recusei a ceder.



No fim, a gaivota acabou ganhando de mim nesse cabo de guerra e saiu voando pelo teto solar, levando com ela o saco de salgadinhos. Mas o bicho não conseguiu ir muito longe com o pacote.



Quase todo o salgadinho acabou CAINDO no carro. Daí em diante tudo virou um verdadeiro pesadelo.



Algumas gaivotas voaram para o banco da frente, e o Rodrick ficou tão apavorado que meteu o pé no acelerador. Quando as aves foram embora e as coisas se acalmaram, tinha OUTRO problema pra lidar.



Acredite se quiser, mas o pessoal do carro da frente foi bem bacana, considerando a situação.

Era um cara com a esposa. Os dois entenderam que tinha sido um acidente. Eles só pegaram a placa do carro, o número da seguradora e o telefone do papai. Não foi preciso nem chamar a polícia.

Se o acidente teve um lado BOM, foi que a gente desistiu de ir à praia depois disso.

O lado RUIM foi que o carro não pegava mais. Tivemos que esperar uma hora inteira pelo guincho.

Uma das pistas da ponte foi fechada, o que só piorou nossa imagem diante do pessoal que estava tentando chegar ao outro lado.



O cara da oficina falou que o radiador tinha rachado e demoraria pelo menos quatro ou cinco horas para consertar. A gente ia ter que arrumar alguma coisa pra fazer até o fim da tarde.

Quando saímos, levei um susto, porque estávamos a poucos quarteirões do Mundo Encharcado, o lugar que eu queria ir desde o INÍCIO.



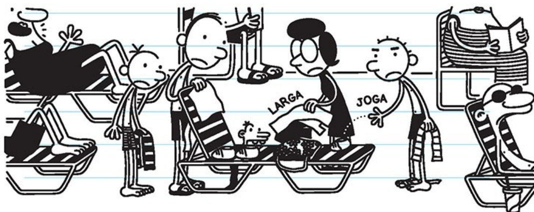
IMPLOREI para a mamãe pra gente ficar lá enquanto esperava o carro sair do conserto.

Ela disse que preferia fazer alguma coisa mais "recompensadora", como visitar uma biblioteca pública local. Dessa vez, a mamãe perdeu a votação por quatro a um.

Fomos andando até o Mundo Encharcado e compramos os ingressos. Em seguida, pegamos um armário para guardar as coisas que não podiam ser molhadas.



Vestimos nossas roupas de banho e nos encontramos do lado de fora dos vestiários. O parque estava SUPERLOTADO e não encontramos cadeiras pra todo mundo. No fim, só achamos uma espreguiçadeira com duas tiras arrebentadas, então jogamos todas as nossas toalhas e outras coisas nela.



A mamãe e o papai ficaram cuidando do Manny, então o Rodrick e eu pudemos circular à vontade. A mamãe só falou para nós dois ficarmos juntos.



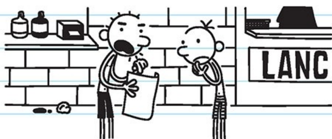
Fomos primeiro até a piscina de ondas, mas devia ter um BILHÃO de pessoas lá dentro.



Rodrick sugeriu uma brincadeira de esconde-esconde, mas, com tantas pessoas e boias na piscina, seria impossível terminar o jogo um dia.

Então, para a coisa ficar mais JUSTA, falei que não valia se esconder debaixo d'água. Estava com medo de que o Rodrick fosse trapacear, mas ele teve uma ideia para garantir que a regra fosse cumprida.

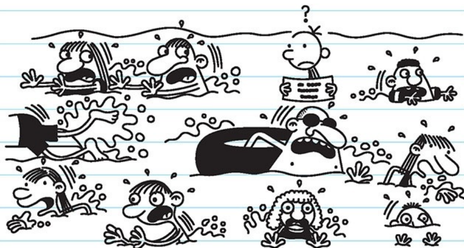
Ele pegou uma toalha de papel da lanchonete e disse que quem fosse se esconder ia ter que manter o papel seco, para provar que não tinha se escondido debaixo d'água. Admito que fiquei impressionado por ele ter conseguido bolar aquela estratégia sozinho.



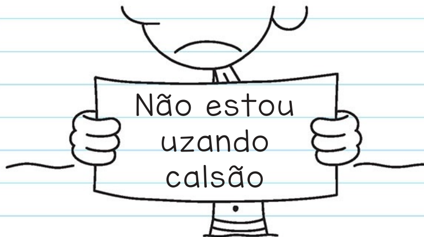
Eu me ofereci para me esconder primeiro. Encontrei um lugar perto da borda da piscina, onde sabia que ia ser difícil para o Rodrick me encontrar.



O que eu NÃO SABIA era que o Rodrick tinha escrito uma coisa no papel antes de me entregar. E, para meu azar, TODO MUNDO percebeu isso antes de mim.



O que o Rodrick escreveu já era ruim de QUALQUER JEITO, mas ele cometeu dois erros de ortografia, o que tornou tudo ainda PIOR.



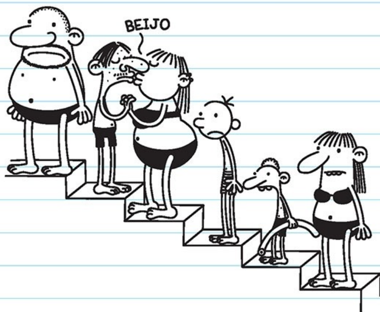
E a coisa ficou ainda MAIS vergonhosa quando a salva-vidas me mandou sair da piscina.



Preciso aprender a sempre desconfiar do Rodrick. PRINCIPALMENTE num parque aquático.

Depois daquilo, eu não quis mais andar com o Rodrick, por mais que a mamãe tivesse dito para nós dois ficarmos juntos. Resolvi me livrar dele e fui sozinho para a fila do toboágua.

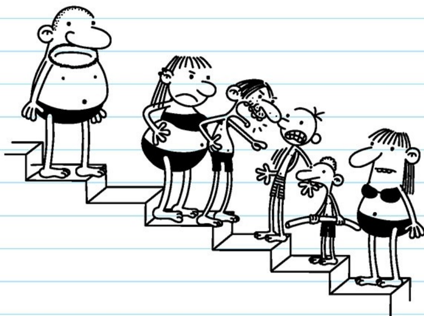
Só percebi o tamanho da fila quando já estava na metade da escada. A essa altura, já tinha um monte de gente ATRÁS de mim e não dava mais pra desistir. Estava preso no meio de toda aquela gente até chegar lá em cima.



Fazia um calor danado e o pessoal começou a ficar agitado com a demora na fila.

O moleque atrás de mim cutucou o traseiro da mulher que estava na MINHA frente com um macarrão de piscina, e ela pensou que tinha sido EU.

Aí o NAMORADO dela invocou comigo.



Eu não queria apanhar por um motivo bobo como aquele. Por sorte, a coisa não chegou a esse ponto. Já estávamos no alto da escada e logo chegou nossa vez.

Infelizmente, a boia tinha quatro lugares, o que transformou a descida em uma situação bem constrangedora.

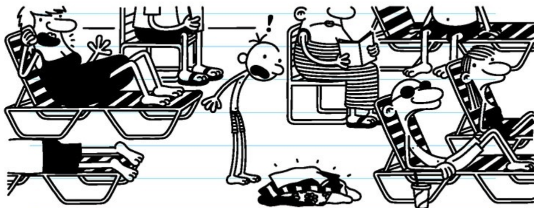


A descida acabava em um lugar lotado de boias, o que foi bom, porque consegui me esconder da mulher e do namorado dela. Atravessei o Rio da Preguiça duas vezes só pra garantir que tinha me livrado deles.

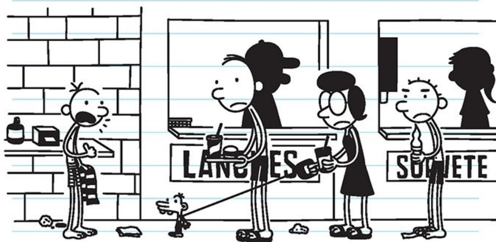


Depois desse episódio, perdi a vontade de ficar na água. Voltei para a espreguiçadeira para pegar minhas roupas.

Mas a cadeira tinha SUMIDO e todas as nossas coisas estavam largadas no chão.



Vi que o resto da família estava almoçando na lanchonete e fui perguntar o que tinha acontecido com a nossa espreguiçadeira.



A mamãe falou que não ia ser difícil descobrir quem PEGOU, já que tinha duas tiras arrebentadas.

A gente se espalhou para procurar. Eu fiquei encarregado da área perto da piscina de ondas.

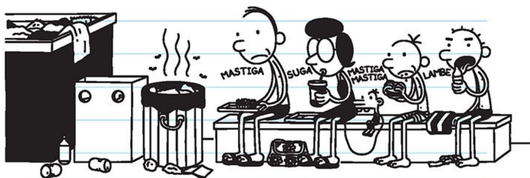
No fim, nossa cadeira estava lá, mas você nem IMAGINA quem estava SENTADO nela.



Não sei quais são as chances de continuar encontrando as mesmas pessoas em todos os lugares, mas aquilo estava ficando RIDÍCULO.

Achei que o melhor a fazer era DEIXAR o Barbudão com a espreguiçadeira e esquecer o assunto. Quando me encontrei com a minha família, fingi que não tinha visto nada.

A essa altura, nossa comida já estava esfriando e não tínhamos onde comer. No fim, encontramos um lugar atrás da lanchonete.



Depois disso, todos pareciam dispostos a ir embora. A mamãe me pediu a chave do armário para pegar nossas coisas. Só que eu falei que NÃO ESTAVA comigo.

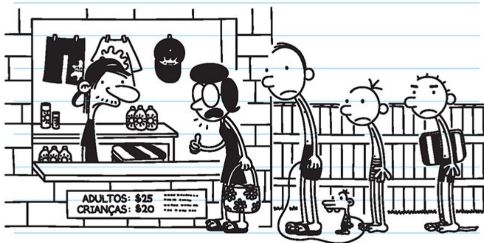
Ela disse que tinha me dado, então eu virei os bolsos do calção de banho do avesso para mostrar que estavam vazios.



Tinha quase certeza de que a chave estava com o RODRICK, mas ELE falou que não havia pegado.

Todo mundo procurou nos bolsos, mas a chave não estava com ninguém. Isso era um PROBLEMÃO, porque os celulares e as carteiras do papai e da mamãe estavam no armário. A gente não podia ir embora enquanto não encontrasse a chave.

Fomos procurar um funcionário na recepção para avisar que tínhamos perdido a chave.

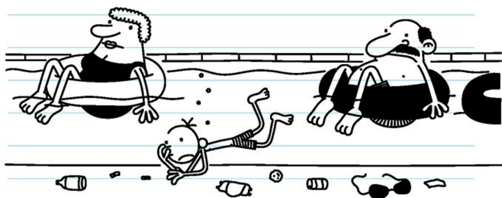


Mas, quando ele perguntou qual era o número do armário, nenhum de nós conseguiu lembrar. Havia centenas de armários e eram todos iguaizinhos.

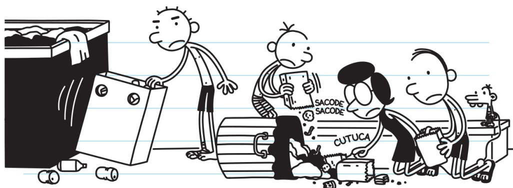
Ele falou que o número estava escrito na chave, mas OBVIAMENTE essa informação não ajudava em nada.

Daí o funcionário disse que a única solução era ENCONTRAR a chave, por isso nos separamos e refizemos nossos passos dentro do parque.

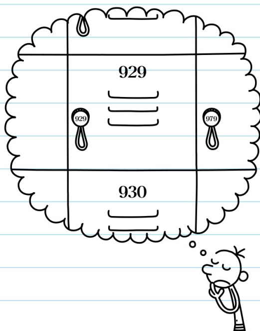
Rodrick foi para a piscina de ondas onde brincamos de esconde-esconde. Eu fui de novo para o Rio da Preguiça, mas não achei nada lá.



Quando a gente se juntou novamente, ninguém tinha encontrado a chave. A mamãe falou que alguém podia ter jogado fora sem querer depois de comer. Então, reviramos a lixeira próxima ao lugar onde almoçamos.

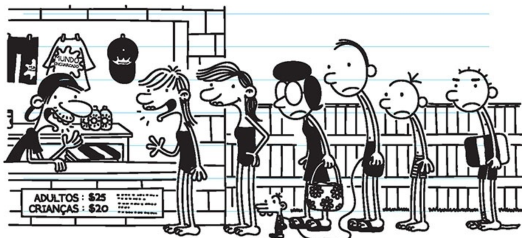


A mamãe pediu pra todo mundo se concentrar e tentar lembrar o número do armário. Quando fiz isso, uma imagem me veio à cabeça de forma bem clara.



Eu falei para a mamãe e fomos direto ao armário 929. Como esperado, estava trancado e sem a chave na porta.

Voltamos à recepção para avisar o funcionário que tínhamos encontrado nosso armário, mas tivemos que esperar um tempão para ser atendidos.



Quando falamos o número do nosso armário, ele pegou a chave mestra e acompanhou a gente até o número 929. Mas, quando chegamos lá, a chave estava na porta e o armário estava VAZIO.

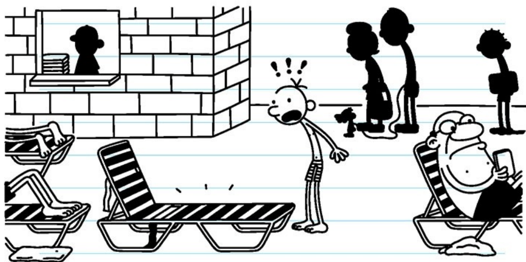


Alguém tinha encontrado a chave e ROUBADO todas as nossas coisas.

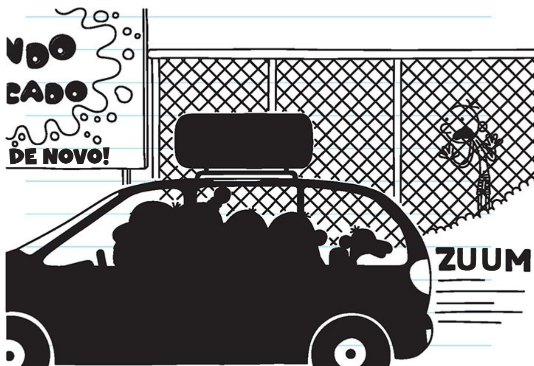
Foi quando eu pensei em OUTRA possibilidade: quando o Barbudão pegou nossa cadeira, devia ter pegado TAMBÉM a nossa chave.

Decidi contar para os meus pais sobre o Barbudão e sua família, que provavelmente tinham roubado nossas coisas para se vingar de mim. Em seguida, fomos ao lugar onde eles estavam sentados.

Quando chegamos lá, não tinha mais NINGUÉM.



Fiquei com medo de que já tivessem saído do parque, daí fui correndo para o portão da frente. Como eu imaginava, a minivan roxa tinha acabado de sair.

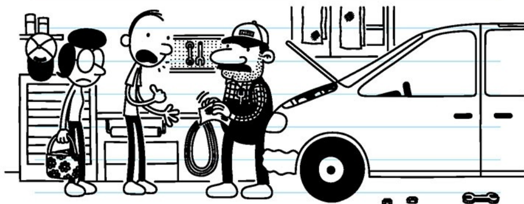


Eu SABIA desde o início que aquela família era sinônimo de encrenca, mas jamais imaginei que fossem capazes de ROUBAR.

O papai usou o telefone da recepção para chamar a polícia, mas o policial falou que, sem o número da placa, seria bem difícil rastrear nossos objetos roubados.

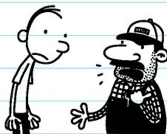
Se teve um lado BOM nessa situação toda, foi que a chave do carro não estava no armário, porque tinha ficado com o mecânico.

Voltamos para a oficina, onde o mecânico já se preparava para trocar o radiador. Ele disse que o conserto ia custar umas 300 pratas. Daí o papai avisou que não conseguiria pagar, porque tinha acabado de ser roubado.



O papai prometeu ao mecânico que mandaria um cheque assim que chegasse em casa, mas o cara respondeu que não podia aceitar "fiado". Ele falou que, no MÁXIMO, dava para passar um selante na rachadura do radiador, mas que só ia funcionar por um ou dois dias.

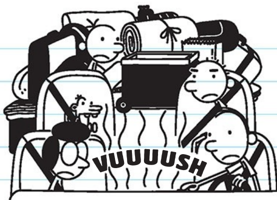
Além disso, o mecânico avisou que o ar quente teria que ser jogado para dentro do carro, pro motor não ficar superaquecido. Ele disse que essa ideia parecia meio maluca, mas garantiu que funcionava.



Foi quando a mamãe e o papai decidiram que era melhor voltar pra casa. A gente estava sem dinheiro e sem celular, mas o tanque do carro ainda estava CHEIO. O papai calculou que, viajando direto, dava para chegar em casa umas três da manhã.

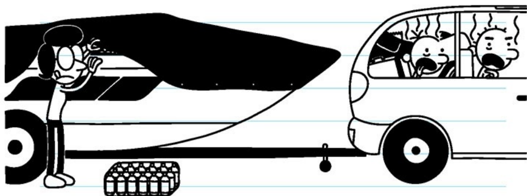
A mamãe pareceu chateada por interromper a viagem. Já pra mim, sinceramente, foi um alívio.

Quando entramos no carro, o papai ligou o aquecedor, conforme o mecânico tinha recomendado. Meia hora depois estavávamos fritando a uns quarenta graus ali dentro.



A mamãe abriu as janelas da frente, mas o lugar onde eu estava parecia uma SAUNA, já que os vidros de trás não abriam.

Falei pra mamãe que não ia aguentar a viagem, que ia acabar tendo um piripaque. Ela respondeu que, se a gente se hidratasse, ia ficar tudo bem. Aí a mamãe pegou dois pacotes de garrafas d'água no barco e levou para o carro.



Seguimos pela estrada e eu bebi quatro garrafas d'água só na primeira hora.

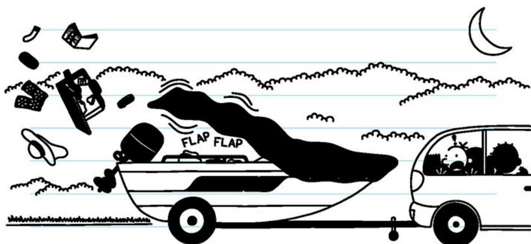
Tentei dormir para a viagem passar mais rápido, mas acordei quando alguém começou a buzinar.

As pessoas do carro ao lado acenavam pra nós, tentando chamar nossa atenção.



Quando olhei para trás, levei um susto ao ver que a lona do barco estava solta e balançando ao vento.

Além disso, tudo o que estava lá DENTRO saiu VOANDO.



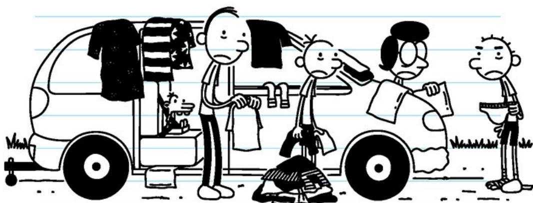
Os carros de trás desviavam desesperadamente para a direita e para esquerda, evitando ser atingidos pelas nossas coisas, que navegavam pelo ar. A essa altura, o papai já tinha visto o que estava acontecendo pelo retrovisor e decidiu parar no acostamento.

Daí, passamos duas horas andando pela estrada e recolhendo nossas coisas. Mas, quando escureceu, tivemos que parar.



Quando voltamos para o carro, juntamos tudo o que conseguimos recolher. Eu diria que consegui recuperar mais ou menos dois terços das roupas que levei para a viagem, mas a mamãe falou que malas INTEIRAS se foram.

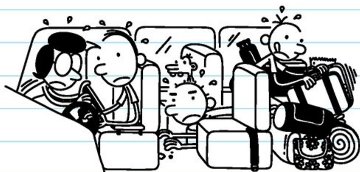
A parte mais NOJENTA é que pegamos algumas coisas que nem eram NOSSAS. O Rodrick encontrou uma cueca que estava dura como uma tábua.



Pegamos a estrada de novo, daí mamãe falou que precisávamos arrumar alguma coisa pra comer. Rodrick queria abrir o rocambole congelado que tinha comprado, mas a mamãe explicou que, por ter ficado fora da geladeira, aquilo podia ter estragado e fazer mal.

A mamãe usou o GPS para procurar um lugar para comer. Só que os únicos locais abertos eram lanchonetes de fast-food, e ela não ficou muito contente com isso.

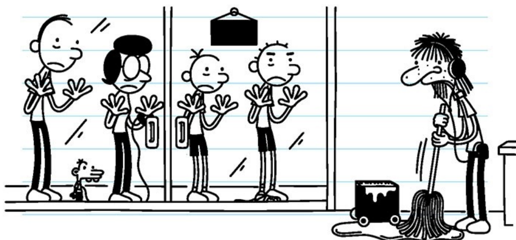
Acabamos parando em um posto que tinha um lugar que vendia frango frito. Como estávamos sem dinheiro e sem cartão, reviramos o assoalho do carro em busca de trocados caídos no chão.



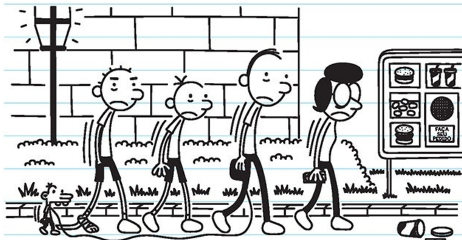
Conseguimos encontrar três e cinquenta, o que não devia dar pra comprar nem uma asinha de frango.

Mas a mamãe falou que esses lugares sempre têm alguma promoção, então descemos do carro e fomos até lá.

Só que, quando chegamos, a porta estava trancada. Dava para ver que tinha gente trabalhando lá dentro, mas àquela hora o único guichê aberto era o do drive-thru.



Voltamos para o carro e tentamos chegar ao guichê, mas com um barco engatado na traseira não tinha como passar. Estacionamos de novo e voltamos A PÉ.

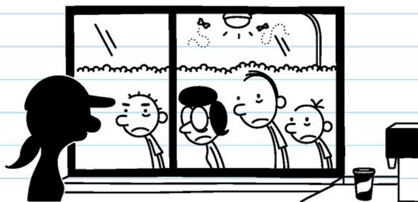


Ficamos parados ao lado do menu e esperamos alguém falar no alto-falante pra pegar nosso pedido, mas não rolou.

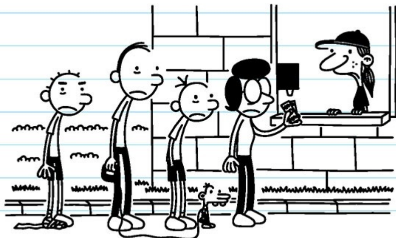
O papai disse que devia ter algum sensor no chão para detectar a presença de um carro, então tentamos de tudo para acionar o mecanismo.



Por fim, alguém lá dentro acabou vendo a gente e abriu a janela do guichê.



A mamãe perguntou o que dava para comprar com o dinheiro que tínhamos. A atendente respondeu que uma caixa pequena de nuggets e um biscoito.



Foi isso que pegamos, além de um monte de sachês de molho barbecue. Voltamos para o carro e dividimos a comida em cinco.

Continuamos viajando por mais meia hora, mas a essa altura estava na cara que não ia dar para seguir até nossa casa num tiro só. A gente ia ter que arrumar um lugar para dormir.

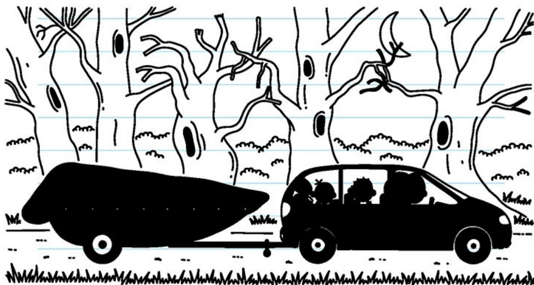
Estávamos sem dinheiro para ficar em um hotel, então a mamãe tentou achar um acampamento ali perto.

O mais próximo ficava a 15 km na direção oposta. Então, o papai falou que a gente ia ter que pegar a próxima saída, encontrar um bom lugar para estacionar e dormir no carro.

Eu tava topando qualquer coisa, desde que isso incluísse desligar o aquecedor quando parássemos o carro.

Só que, assim que saímos da rodovia, vimos que não tinha sido uma boa ideia.

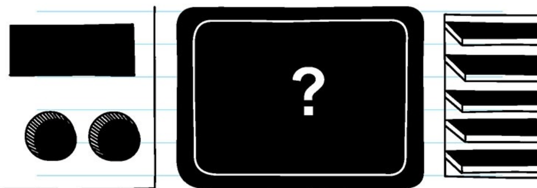
Pra começo de conversa, entramos em uma estradinha de terra, sem nenhum posto de gasolina, nenhuma loja, nem ao menos casas. Havia apenas árvores dos dois lados da estrada e nenhuma iluminação.



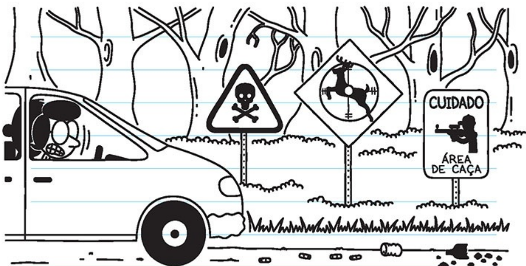
Continuamos rodando por um tempão, mas a estrada era muito estreita e não tinha nenhum lugar para estacionar. Acho que todo mundo estava ficando com medo. No fim, a mamãe falou que era melhor voltar para a rodovia.

Mas o papai insistiu, disse que tinha CERTEZA de que logo a gente ia encontrar um bom lugar para estacionar.

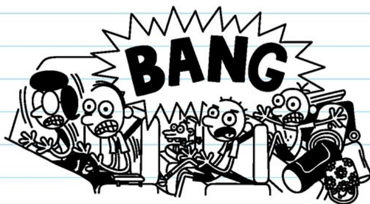
Quanto mais a gente andava, mais nervosa a mamãe ficava, porque nem o GPS sabia que lugar era aquele.



Vimos algumas placas à frente e todo mundo ficou empolgado por estar voltando à civilização. Mas não era nada disso.



Aí, bem na hora em que os nervos de todos estavam à flor da pele, ouvimos um barulhão.



O papai perdeu o controle do carro e passou em cima de uma poça de lama.

Meus ouvidos apitavam e olhei ao redor para tentar entender o que tinha acontecido.

Eu esperava ver cacos de vidro por todo lado, mas as janelas estavam intactas, apesar de sujas com alguma meleca estranha.



A cabeça do Rodrick também estava suja com essa meleca e ele estava SURTANDO por causa disso.

Eu ainda não tinha entendido o que estava rolando, aí vi a sacola do supermercado. Aquela embalagem de rocambole de canela tinha despedaçado.

Como a sacola estava bem em cima de uma das saídas de ar quente, o negócio tinha simplesmente EXPLODIDO.



Mas o RODRICK ainda não sabia disso. Ele estava com massa crua de rocambole de canela espalhada na cabeça e pensou que fossem os MIOLOS dele saindo.



O Rodrick ficou ainda MAIS perturbado quando viu que o Manny lambia aquela gosma dos dedos.

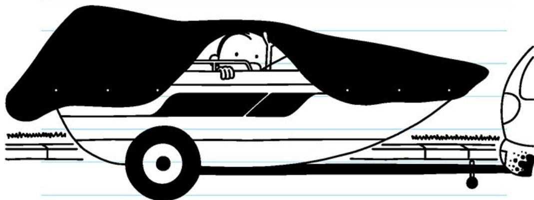


Quando o Rodrick percebeu o que tinha acontecido e se acalmou, limpamos tudo com algumas toalhas de papel.

Em seguida, o papai virou o carro e dirigiu de volta até a rodovia. Na saída seguinte, tinha um supermercado com o estacionamento vazio. O papai parou lá pra gente dormir.

O carro só tinha quatro assentos reclináveis para cinco pessoas, então a mamãe escalou o papai para dormir no barco.

Sei que o papai estava ansioso para usar o barco na viagem, mas acho que não era bem ISSO que ele tinha em mente.



Quarta-feira

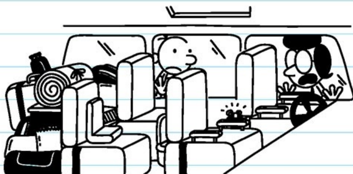
Demorei um tempão para dormir ontem à noite e acordei às seis da manhã, quando os funcionários do supermercado começaram a chegar para trabalhar.



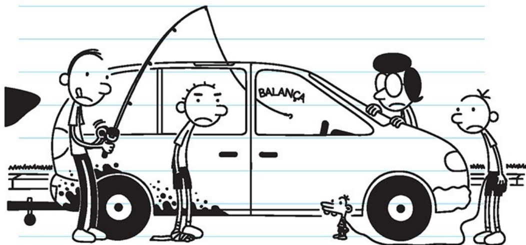
A essa altura, o sol já dava as caras e o carro parecia um forno. Além disso, todo mundo tava suado e grudento por ter dormido com a roupa do dia anterior.

Fomos até o supermercado para tentar usar o banheiro, mas o gerente falou que a loja só abriria para clientes dali a duas horas.

Quando estávamos voltando para o carro, a mamãe sugeriu usar os lenços umedecidos do Manny pra gente se limpar. Daí, ela percebeu que tinha trancado a chave dentro do carro.



Mas ainda havia ESPERANÇA. Como o teto solar estava aberto, o papai tentou PESCAR a chave do porta-copos.



Depois de muito tentar, ele não conseguiu achar o ângulo certo. Parecia que a gente já não tinha mais opções, mas aí a mamãe sugeriu que o MANNY pegasse a chave.

Com a coleira, o papai baixou o Manny pelo teto solar.



Quando o Manny se viu sozinho no carro, resolveu aproveitar. Primeiro, foi para o banco de trás e comeu os sachês de molho barbecue que tinham sobrado. Depois, mexeu na minha mochila e encontrou um pacote de biscoitos recheados que eu estava guardando para uma emergência.



Quando, finalmente, o Manny foi para o banco da frente e pegou a chave, em vez de abrir a porta, ele resolveu LIGAR o carro.

Em seguida, começou a mexer no rádio até encontrar uma estação de que ele gostasse.



A mamãe e o papai continuaram batendo nas janelas, pedindo para o Manny abrir a porta. Mas aí ele resolveu ENGATAR a marcha.

Acho que nessa altura do campeonato todo mundo tinha esquecido que o Manny estava tentando fugir, senão ninguém teria deixado ele entrar sozinho no carro.

Por sorte, o Manny não alcançava o pedal do acelerador, caso contrário teria se mandado faz tempo.



Acho que, no fundo, o Manny sabia que aquele plano de fuga não tinha como dar certo, pelo menos por enquanto. A mamãe conseguiu convencê-lo a abrir a porta e deixar a gente entrar.

Quando voltamos à estrada, comecei a reconhecer alguns lugares, já que estávamos refazendo o caminho da ida.

Ao passar na frente do hotel onde ficamos na primeira noite de viagem, vi uma coisa INSANA.

Tinha uma minivan roxa parada no estacionamento.



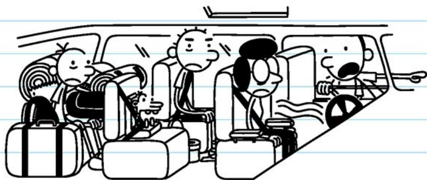
Falei para o papai e ele parou o carro. Demos uma boa olhada na minivan. Com certeza era a do Barbudão.

Isso significava que eles estavam NAQUELE hotel e, provavelmente, usando os cartões da mamãe e do papai para pagar a CONTA.

Paramos nosso carro em uma entrada lateral. O papai disse que ia chamar a polícia, então desceu para usar o telefone da recepção.

Mas, trinta segundos depois, voltou correndo para o carro.

Ele contou que a família do Barbudão tinha saído do quarto para a piscina e, pelo jeito, tinham deixado a porta aberta.

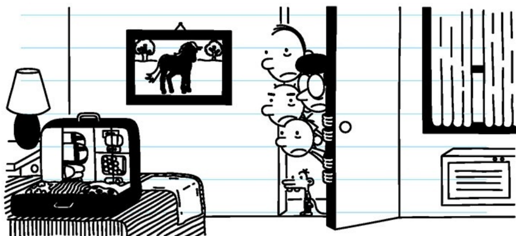


A mamãe falou que era melhor chamar a polícia. O papai argumentou que, antes disso, a gente podia fazer uma investigação por conta PRÓPRIA.

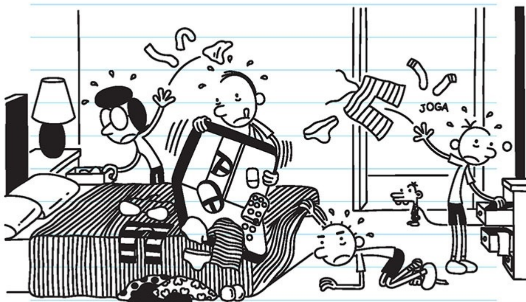
Então TODOS fomos com o papai até o quarto do Barbudão. Como ele falou, tinha uma frestinha aberta.

O papai abriu a porta um pouco MAIS e enfiamos a cabeça lá dentro para ver se havia algo nosso por lá.

Mas, de onde estávamos, não dava pra ver nenhuma das nossas coisas.

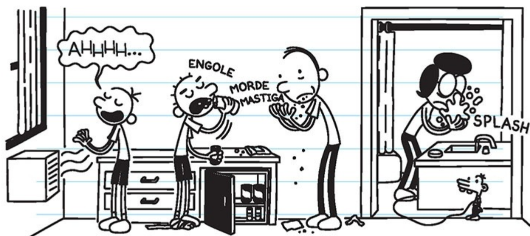


A mamãe parecia bem constrangida com a situação, mas aí o papai ESCANCAROU a porta e não dava mais para voltar atrás.



Não conseguimos encontrar nada nosso. Se a família do Barbudão REALMENTE estava com nossas coisas, tinham levado tudo para a piscina.

Mas já tínhamos invadido o quarto, então resolvemos aproveitar. Achei que não ia ser problema, já que estávamos pagando por tudo aquilo.

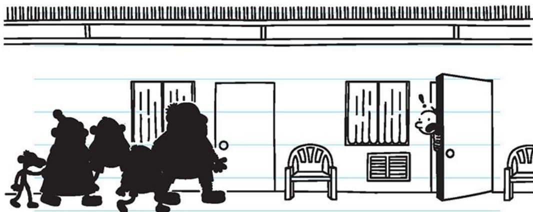


A mamãe deve ter achado que aquilo era um mau exemplo para o Manny, pois foi com ele para o carro.

Ainda não tínhamos terminado. O Rodrick e eu nos revezamos no banheiro e o papai tomou conta da porta.

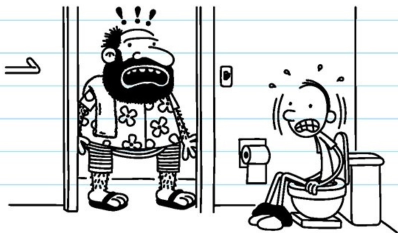
Depois foi a vez DELE, e a gente ficou vigiando.

Mas abusamos da sorte. Assim que o papai FECHOU a porta do banheiro, vi a família do Barbudão voltando para o quarto.



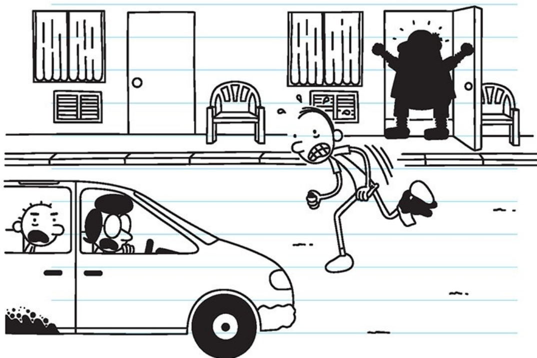
Eu amo meu pai, claro, mas também me considero novo demais para MORRER. Saí correndo dali, e o Rodrick veio logo atrás.

Apesar de não estar lá pra VER, acho que foi bem constrangedor quando o Barbudão abriu a porta do banheiro.



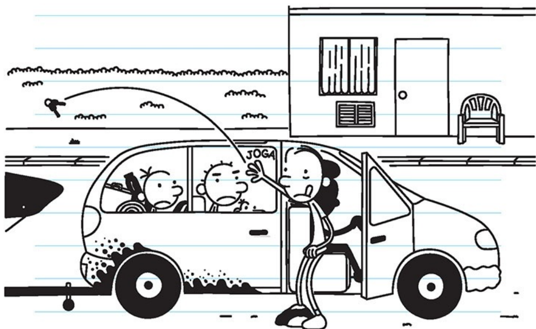
O Rodrick e eu entramos no carro e trancamos a porta. Na verdade, eu tinha quase certeza de que o papai não ia sair vivo daquele quarto e que a gente ia ter que fugir sem ele.

Ainda assim, a mamãe foi com o carro para a frente do hotel e, no mesmo instante, o papai saiu correndo.



De alguma forma, o papai conseguiu pegar a chave do carro deles enquanto fugia.

Antes de entrar no carro, o papai jogou a chave deles no mato. Assim ganhamos tempo de fuga.



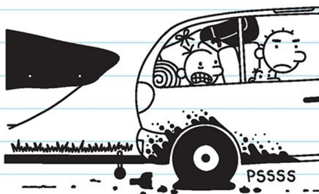
Acho que ele só se tocou de que ainda estava com as calças abaixadas uns cinco quilômetros depois.

Todo mundo ficou contente por ter escapado com vida. Mas, na pressa de ir embora logo, ninguém se lembrou de ligar o AQUECEDOR.

Depois de alguns segundos, o RADIADOR começou a pifar de novo.



A mamãe teve que atravessar duas pistas movimentadas para chegar no acostamento. Mas tinha uma garrafa quebrada ali e a mamãe passou por cima.

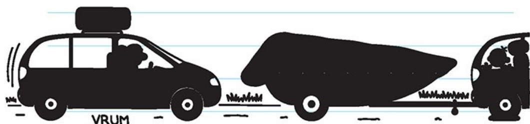


Saímos do carro para trocar o pneu. O papai abriu o porta-malas para procurar o macaco. Infelizmente, eu havia tirado ele de lá antes da viagem para abrir espaço pro meu TRAVESSEIRO.

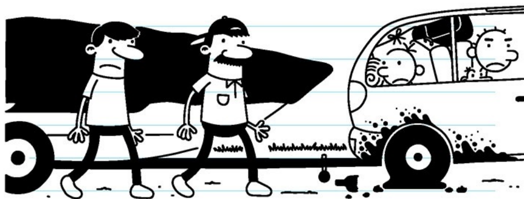
Diante dessa situação, só nos restava esperar por ajuda.

Um tempo depois, um carro apareceu. E aí só o que eu consegui pensar foi que a gente tava ferrado.

Era uma minivan roxa.

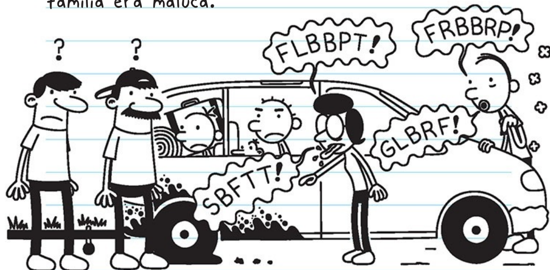


Pensei que o Barbudão fosse querer passar por cima da gente, então me preparei para o impacto. Mas a minivan parou e, quando a porta se abriu, deu para ver que NÃO ERA o Barbudão e a família dele.



Fossem quem fossem, aqueles caras tinham parado para AJUDAR.

O problema era que eles não falavam a nossa língua, e a comunicação ficou meio complicada. A mamãe e o papai tentaram explicar com gestos o que tinha acontecido. Com certeza os caras pensaram que nossa família era maluca.



Foi quando o Manny surpreendeu TODO MUNDO falando um espanhol perfeito.



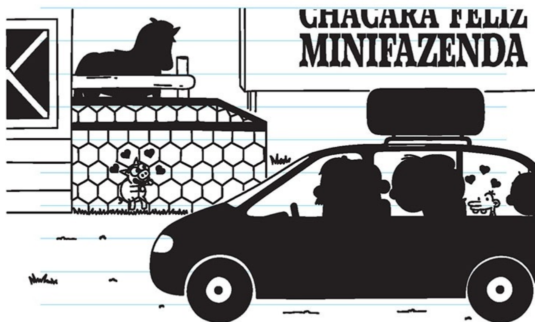
A conversa entre o Manny e os dois sujeitos durou um bom tempo, então achei que ele estivesse explicando o que tinha acontecido durante a viagem.

Ele deve ter feito um bom trabalho, porque no fim os dois acabaram oferecendo uma CARONA pra gente. Para completar, o ar-condicionado do carro deles funcionava MUITO BEM.



Pensei que estivessem levando a gente até uma oficina mecânica ou coisa do tipo, mas não era nada disso.

Devíamos ter nos tocado de que, se era o MANNY quem estava falando, nosso destino seria escolhido por ELE.



Domingo

Como eu disse antes, a mamãe tinha razão quando falou que os porcos eram espertos. O nosso foi domesticado em menos de uma semana e até já sabia fazer alguns truques.

Minha única reclamação é que agora nunca consigo ver o que quero na TV, porque o porquinho aprendeu a usar o controle remoto.

Mas resolvi não encrencar com isso, pois não quero ser mordido de novo.

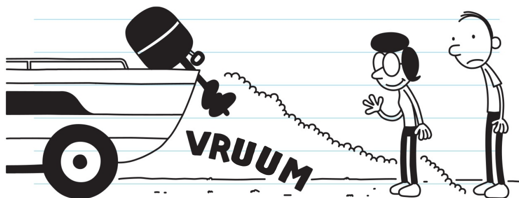


As coisas demoraram um pouco para voltar ao normal depois da viagem. O papai teve que tirar mais alguns dias de folga do trabalho, para cancelar todos os cartões de crédito e solicitar os novos.

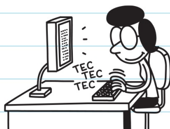


Amanhã a mamãe e o papai vão buscar suas novas carteiras de motorista e comprar celulares.

Nosso carro está na oficina desde que foi guinchado. O BARCO nós demos para os caras que nos ofereceram carona, como forma de agradecimento. Essa, inclusive, foi uma sugestão da mamãe.



A mamãe disse que, apesar de a viagem não ter saído conforme o planejado, mesmo assim foi uma aventura. Ela está escrevendo um artigo para mandar para a "Alegria em Família". Estou torcendo muito para que NÃO SEJA publicado.



Ela também está fazendo um álbum da viagem e pediu pra todo mundo contribuir com alguma lembrança.

Quando comecei a tirar da mala as roupas que levei na viagem, uma coisa caiu do bolso de uma bermuda.

Era a CHAVE do armário do Mundo Encharcado.

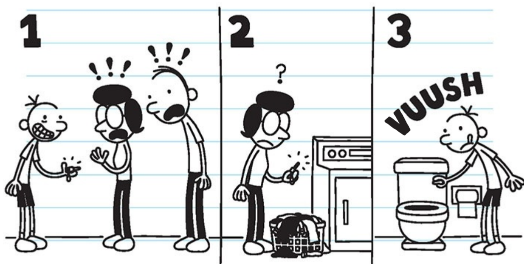


Não consegui acreditar que a chave estava comigo o tempo todo. No fim, eu estava errado quanto ao número do armário. Mas mereço ALGUM crédito por ter chegado PERTO.



Com a chave nas mãos, tenho uma decisão difícil para tomar. Me sinto dentro dos livros da série Escolha a Sua Aventura.

Na prática, tenho três opções. Primeira: conto a verdade para a mamãe e o papai e enfrento as consequências. Segunda: coloco a chave no meio das roupas sujas do RODRICK e deixo que ELE leve a culpa. Terceira: jogo a chave na privada, dou descarga e esqueço que tudo isso aconteceu.



Tem uma quarta opção que envolve o porco, mas ainda não pensei nos DETALHES.

Mas, como eu disse antes, sempre que tenho uma decisão difícil pela frente acabo fazendo a coisa errada. Qualquer que seja a minha escolha, acho difícil que essa história tenha um final feliz.

AGRADECIMENTOS

Obrigado à minha maravilhosa família pelo amor, incentivo e encorajamento constantes.

Obrigado ao pessoal da Abrams por tratar cada livro do Banana como se fosse o primeiro. Um agradecimento especial para Charlie Kochman, Michael Jacobs, Jason Wells, Veronica Wasserman, Steve Tager, Susan Van Metre, Jen Graham, Chad W. Beckerman, Alison Gervais, Elisa Garcia, Erica La Sala e Scott Auerbach.

Obrigado a todos os meus editores no exterior por levarem as histórias do Greg para crianças do mundo todo. Sou muito grato pelas amizades que tenho feito nos últimos anos.

Obrigado a Shaelyn Germain e Anna Cesary por tudo o que fazem para manter tantas coisas em andamento ao mesmo tempo.

Obrigado a Paul Sennott e Ike Williams pelos ótimos conselhos.

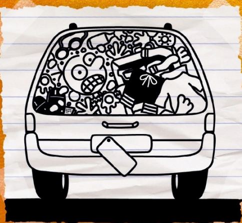
Obrigado ao pessoal de Hollywood, que trabalhou para dar vida ao Greg Heffley nas telonas e nas telinhas. Um agradecimento especial para Sylvie Rabineau, Keith Fleer, Nina Jacobson, Brad Simpson, Ralph Milero, Roland Poindexter, Elizabeth Gabler e Vanessa Morrison.

Obrigado a todos da Poptropica, especialmente Jess Brallier.

SOBRE O AUTOR

Jeff Kinney começou a carreira desenvolvendo jogos on-line. Em 2007, lançou a série *Diário de um Banana*, que já liderou a lista de livros mais vendidos do *The New York Times*. Dois anos depois, a revista *Time* indicou Jeff como uma das 100 Pessoas Mais Influentes do mundo. É o criador do elogiado site de jogos on-line Poptropica. Passou a infância em Washington, D.C. e, em 1995, mudou-se para New England. Hoje, Jeff mora no sul de Massachusetts com a mulher e os dois filhos, onde está abrindo uma livraria.

Uma viagem de carro em família tem tudo para ser algo divertidíssimo... ou não, ainda mais se for a família do Greg Heffley. A jornada começa cheia de promessas, mas logo sofre reviravoltas dramáticas. Banheiros de posto de gasolina, gaivotas ensandecidas, malas perdidas, um porco faminto... Mas até a viagem mais desastrosa pode virar uma grande aventura — e desta os Heffley não vão se esquecer tão cedo.





A série *Diário de um Banana* já vendeu milhões de exemplares no mundo todo e também virou sucesso nos cinemas. Um dos maiores fenômenos da literatura infantojuvenil de todos os tempos.

www.wimpykid.com

V&R EDITORAS